

## A SEGUNDA CARTA DO APÓSTOLO PAULO AOS CORÍNTIOS

### Introdução

Paulo, depois que enviara sua primeira carta aos coríntios, por meio de Timóteo e seus companheiros, por Estéfanos, Fortunato e Acaico que foram os delegados da congregação de Corinto, ficou em Éfeso por algum tempo. Timóteo e Erasto estavam em Macedônia, pretendendo ir tão logo quanto possível a Corinto. Realmente devem ter feito esta viagem e cumprido rapidamente este objetivo, visto que Timóteo esteve com Paulo quando este escreveu sua segunda carta, cap. 1. 1. Também Tito fora enviado pelo apóstolo, cap. 7. 13, 14; 12. 18, tendo Paulo esperado com ansiedade seu retorno. No tempo determinado, 1.Co. 16. 5, 8, o apóstolo partira de Éfeso para a Macedônia, At. 20. 1. Quando Tito não se encontrou com ele em Éfeso, este continuou sua viagem para a Macedônia, onde seu fiel discípulo lhe trouxe a notícia a respeito do efeito de sua primeira carta, complementando o relatório que Timóteo já fizera em que provavelmente se preocupara com os problemas da congregação em geral, cap. 7. 5, 6.

A notícia trazida por Tito foi tanto boa como ruim. Aquele pecador pretensioso e corrupto fora excomungado, cap. 2. 6, 7, e haviam sido tomados os passos necessários para coletar uma quantia de dinheiro para os necessitados irmãos da Judéia, cap. 8 e 9, ainda que não com o empenho esperado. Por outro, continuavam a prevalecer certas condições desfavoráveis: Alguns de seus membros continuavam predispostos contra Paulo, cap. 3. 1, 2, outros se sentiam machucados por causa da censura do apóstolo, cap. 2. 1-4; 7. 8-12; oponentes judaizantes estavam tomados de muita amargura contra ele, cumulando contra ele ofensas e insultos e revoltando-se contra a sua autoridade, caps. 10-13. E, como acontece muitas vezes, quando ocorre lassidão em disciplina eclesiástica, não fora removida a inclinação por costumes gentios e imoralidade e a participação em conduta mundana e pecaminosa, cap. 6. 14-18; 7. 1; 12. 20, 21. Por isso Paulo enviou Tito, mais uma vez, junto com vários irmãos, para despertar um pouco mais de interesse sobre o assunto da coleta, cap. 8. 16-24. E ficou tão impressionado com os vários relatos e com as deduções que podiam ser feitas, que, antes de partir da Macedônia, escreveu uma segunda carta, provavelmente de Filipos, cap. 8. 1; 9. 4, durante o verão do ano 57, cap. 8. 10; 9. 2; At. 19. 21, 22.

A carta pode ser dividida em três partes desiguais. A primeira parte discute principalmente o ministério do apóstolo, que fora atacada pelos opositores. Ele se refere à sua libertação de grande perigo, dá os motivos de sua demora em vir, admoesta a congregação a perdoar e readmitir ao pecador arrependido, e então, numa secção grandiosa e tocante, descreve a essência e a glória do ministério evangélico, com referência especial ao seu ofício apostólico. Continua com a admoestação de aceitar a oferecida graça de Deus e para dar provas de seu poder na conduta cristã. O apóstolo insiste, na segunda parte, a continuação vigorosa da coleta pelos pobres, com uma referência à boa-vontade das congregações da Macedônia, às bênçãos que acompanham o exercício voluntário da caridade, e ao exemplo de Cristo. A terceira parte da carta é dedicada totalmente aos seus detratores malévolos. Paulo justifica seu comportamento e seu ministério contra quaisquer acusações falsas, destaca o valor do seu trabalho, e ameaça os caluniadores com a excomunhão. A carta é encerrada com algumas palavras gentis de admoestação e as costumeiras saudações. Esta carta, em seu todo, é o mais tocante e pessoal de todos os escritos do apóstolo, retratando, também, como nenhuma outra, a grandeza pessoal do apóstolo e o poder divino do evangelho.

### CAPITULO 1

*Saudação, Agradecimento e Consolo.* 2.Co. 1. 1-11

A

saudação da carta: *V. 1) Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus, que está em Corinto, e a todos os santos em toda a Acaia: Graças a vós outros e*

*paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.* Como na primeira carta e na maioria de suas demais epístolas, o interesse pessoal de Paulo pelas pessoas ganhas pelo seu trabalho para Cristo, e o seu amor por elas, levou-o a expandir a usual forma curta de saudação que se colocava no começo duma carta grega. Chama-se um apóstolo de Cristo Jesus. Foi enviado, comissionado, pelo próprio excelso Senhor da igreja. E detinha esta posição, em especial também em referência aos coríntios, por meio da vontade de Deus, e não por alguma opção frívola. Chama Timóteo, seu assistente, como irmão, não como co-autor, mas como coobreiro, e como alguém que aos coríntios era bem conhecido como tal. Paulo se dirige à igreja, à congregação, de Deus, que devia sua existência ao trabalho de Deus por meio do evangelho. Esta congregação foi estabelecida em Corinto. Era um corpo organizado por aqueles que confessavam sua fé em Jesus Cristo. Em segundo lugar, porém, também foi dirigida a todos os santos, a todos os cristãos santificados pela fé, em toda província da Acaia, a todas as congregações que haviam sido estabelecidas, tendo Corinto como ponto de partida, e que, por meio do laço de sua fé e confissão comum, estavam intimamente ligadas com os cristãos de Corinto. Ainda que não tenha sido uma carta circular, no pleno sentido da palavra, teve, ainda assim, o objetivo de servir a um grande círculo de cristãos unidos na causa comum de seu Senhor.

A saudação e voto inicial de apóstolo está relacionada aos maiores e mais maravilhosos dons que os cristãos possuem: Graça e paz a vós da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Deus é o Pai comum dos cristãos, que todos são Seus filhos pela fé em Jesus Cristo, o Senhor. Estão unidos pelos laços dum amor comum a Ele e de uns para com os outros. “Graça é a tônica do evangelho; e paz, esta saudação tradicional e bela do Leste, nos lábios cristãos não significa meramente paz terrena, mas a paz de Deus, Fp. 4. 7.”<sup>1)</sup>

*Agradecimento e conforto: V. 3) Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! 4) É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus. 5) Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo. 6) Mas, se somos atribulados é para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, é também para o vosso conforto, o qual se torna eficaz, suportando com paciência os mesmos sofrimentos que nós também padecemos. 7) A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis da consolação.* A nota dominante na vida dum cristão sempre devia ser a de gratidão ao Senhor por benignidade e suas ternas misericórdias. Isto foi real, de modo extraordinário, no caso de Paulo, que começa todas as suas cartas, menos duas, com uma manifestação de sua profunda gratidão a Deus. Assim ocorre aqui: Louvado seja Deus e o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. A bênção que o cristão dá a Deus inclui glória, louvor e honra. Louvamo-lo como Deus, o único Deus verdadeiro, como o Senhor de todo o universo, e em especial como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem Ele estabeleceu a verdadeira paternidade conosco, ou seja, a de um Pai gracioso e amoroso. Louvamo-lo como o Deus de misericórdias, como o manancial do qual fluem sobre nós todas as ternas misericórdias, seja no tempo como na eternidade, sendo a compaixão a característica da providência de nosso Pai celeste. Louvamo-lo como o Deus de todo conforto, como a fonte da qual descem, em abundância e em meio a todas as formas de infortúnio e aflição, todas as consolações, todas as felicidades e todas as glórias.

Agora é explicado mais o último nome dado a Deus: Que nos conforta em todas as nossas aflições. Seja qual for o tipo de aflição que sobrevém ao cristão, sejam quaisquer que forem as provações que o possam acometer, ele está certo para encontrar o consolo apropriado e adequado, tal como o experimentaram Paulo e seus companheiros repetida e continuamente. Ainda que estivesse rodeado em corpo e alma de tristezas e perigos, ele, ainda assim, foi capaz de sentir o prazer da consolação

---

<sup>1)</sup> *Expositor's Greek Testament*, 3. 37.

de Deus em Sua palavra e assim vencer todas as suas aflições. E o objetivo final de Deus para conduzir o apóstolo e seus companheiros, bem como a todos os cristãos, dum modo tão especial, foi para que fossem capazes de confortar àqueles que estivessem em qualquer aflição por meio do conforto com o qual eles mesmos estavam sendo confortados por Deus. Este é sempre o objetivo final de Deus quando permite que aos seus filhos sobrevenham provações, a saber, que a consolação que Ele então concede por meio da palavra de Sua graça possa ser uma bênção, não só aos aflitos, mas por meio deles a outros que ainda não chegaram à sossegada confiança em Deus que devia caracterizar sempre ao cristão. Aqueles que foram provados no cadinho de Deus e aprenderam a confiar com fé inabalável em Suas promessas estão numa posição na qual podem repassar os benefícios que lhes foram conferidos. A corrente de ouro das consolações misericordiosas do Senhor une Seus cristãos aqui na terra.

É dado o motivo por que esta consolação do alto é tão certa e traz consigo qualificações tão maravilhosas para o cristão individual: Pois assim como os sofrimentos de Cristo abundam, ou transbordam, sobre nós, assim também por meio de Cristo abunda o nosso conforto. Que o quinhão dos cristãos é participar aqui sobre a terra dos Seus sofrimentos é um pensamento que se encontra em todo o Novo Testamento, Mt. 16. 24; Rm. 8. 17; Fp. 3. 10; Cl. 1. 24; pois são parte das perseguições que lhes sobrevêm por causa da justiça, em sua luta com os poderes das trevas. É assim que os sofrimentos de Cristo agora fluem sobre nós. Mas, tendo em vista que esta comunhão com Cristo também inclui o consolo e a força que flui da união com Cristo, também a própria existência das aflições traz por meio de Cristo conforto inefável, ou seja, conforto em rica medida. Os sofrimentos podem ser numerosos, enquanto o conforto é sempre um e o mesmo, e ainda assim o último supera ao primeiro, Fp. 4. 4.

Paulo foi capaz de escrever nesta sua certeza feliz: Porém, se suportamos aflição, isso acontece por causa de vosso consolo e salvação; ou se somos confortados, isso acontece para o vosso conforto, que é real no suportar paciente dos mesmos sofrimentos que nós também suportamos; e a nossa esperança quanto a vós está firme, visto sabermos que assim como sois participantes nos sofrimentos, também o sois no conforto. Paulo está tão absorto nos assuntos que cooperam para o benefício deles que considera suas aflições como suas consolações só nisso que podem redundar em benefício deles. Está disposto a suportar tribulação, caso eles forem confortados e salvos; ele está feliz com qualquer conforto, se este for transmitido a eles de tal modo que possa produzir neles paciência constante no suporte dos sofrimentos de Cristo, 1.Pe. 5. 9, que é o quinhão comum de todos os cristãos. O apóstolo conserva com verdadeiro e amável otimismo cristão quanto a eles a firme esperança, sendo que sua esperança por eles é inabalável, porque está baseada sobre o conhecimento que também eles participam dos sofrimentos que ele suporta, não somente em solidariedade, mas realmente, 1.Co. 12. 26, e por isso também participarão no conforto que ele goza. É assim que a igreja toda é uma fraternidade de conforto comum no sofrimento comum.

O risco recente de Paulo: *V. 8) Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. 9) Contudo, já em nós mesmos tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos; 10) o qual nos livrou e livrará de tão grande morte, em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos, 11) ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor, para que, por muito sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício que nos foi concedido por meio de muitos.* Aqui Paulo relembra um pedaço de sua história pessoal, sobre o que não queria que os coríntios permanecessem na ignorância. Com franqueza reparte com eles suas preocupações, estando antecipadamente certo da compaixão devota deles. Suportara aos muitos adversários em Éfeso, 1. Co. 16. 9, e escapara da inimizade dos judeus, At. 19. 9. Mas a tormenta irrompeu na insurreição levantada contra ele por Demétrio e seus colegas artífices, At. 19. 23. Foi uma aflição sem igual em sua história: Fomos acabrunhados, oprimidos e angustiados de modo ilimitado e acima de nossas forças. A perseguição foi um peso

excessivamente grande de aflição, e excedeu qualquer força de resistência humana, e fez com que o grande herói da fé desesperasse até mesmo da vida, não enxergando ele mais qualquer meio que fosse capaz de salvar sua vida.

Agora repete a mesma idéia na forma positiva: Não somente não vimos qualquer modo pelo qual nossas vidas pudessem ser salvas, mas em nós mesmos tínhamos a sentença de morte. Paulo teve a convicção que chegara o tempo quando devesse morrer, e de modo muito inglorio, parecendo-lhe não haver mais algum modo para escapar. A linguagem usada por Paulo é tão incomum, que muitos comentaristas têm insistido que lhe deve ter sobrevivido um risco muito extraordinário. Mas o que lhe ocorreu foi tão somente o que é a experiência normal do cristão em geral, em cuja vida se alternam períodos de fé heróica com tempos da mais profunda angústia, como vemos nos Salmos: “Pois também Paulo experimentara riscos e contratempos multiformes, e de várias formas também fora salvo deles. Às vezes ele manifesta possuir uma coragem imensa e poderosa a ponto de não temer a nada.... Nestas ocasiões seu coração está tomado de felicidade, e ele deseja que todos com ele regozijem e se consolem.... Mas, doutro lado, diz ele em 2.Co. 1. 8, 9: Fomos de sobremodo oprimidos, mesmo acima de nossas forças, assim que desesperamos até da vida. E mais: Tivemos em nós mesmos a sentença de morte. Mas, diz ele, isto aconteceu para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus que ressuscita os mortos. O que é isto, caro Paulo? Acaso não és feliz e pleno de conforto? Por que não animas aos outros? Deverá Paulo, este grande apóstolo, ser humilhado ao ponto que devesse morrer em vez de viver? Aquele que, faz pouco, esteve cheio do Espírito Santo, agora parece totalmente desanimado.”<sup>2)</sup>)

O

objetivo de Deus, ao permitir que tais riscos e angústias sobreviessem ao apóstolo, está claramente afirmado: Para que não colocássemos nossa confiança em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos. Foi tamanha a gravidade da situação de Paulo nos riscos que enfrentou em Éfeso, que lhe mostrou a total inutilidade de confiar em qualquer outra coisa se não tão somente em Deus, que é o único que tem o poder sobre a vida e a morte. Visto que Ele tem poder de ressuscitar da morte, de fazer os mortos retornarem à vida, então Ele muito antes é capaz de fechar as portas da morte antes que ela ocorra. Paulo, por isso, também nesse caso dá a Ele toda honra: Que nos livrou duma morte tão grande, e que realmente livra, em quem colocamos toda a nossa esperança como Aquele que ainda nos libertará. O quadro que Paulo pinta é o dum poderoso arrancar dum perigo ao qual fora exposto, um reaparecer inesperado de entre os dentes ou das mandíbulas operado pelo onipotente poder do Senhor. Ele tem esta certeza, sua firme esperança está dirigida nesta direção. Ao mesmo tempo ele também confia nas intercessões dos irmãos de Corinto: Enquanto vós todos também cooperais por nós por meio de vossas súplicas. Os rogos insistentes deles se mostrariam sempre de grande valor por ele em sua situação, sendo que receberia força para seu trabalho. É no meio de aflições que prospera a comunhão de oração, e por isso os próprios sofrimentos de Paulo foram uma causa que beneficiou os irmãos: Para que, pelo dom que nos foi concedido, de muitas pessoas, literalmente, de muitos rostos (erguidos a Deus numa oração de agradecimento), sejam dadas graças por muitos a nosso respeito. O dom da graça, a saber, o resgate do apóstolo, a preservação de sua vida, causou o agradecimento sincero de muitas pessoas que se haviam unido em súplica por sua vida, sendo que este efeito concordou exatamente com o objetivo do Senhor, pois Deus, pelo seu escutar das orações, deseja provocar os louvores gratos dos cristãos.

A

Defesa De Paulo De Sua Conduta E De Sua Vida. 2.Co. 1. 12-24.

A

sinceridade de seu propósito: *V. 12) Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa*

---

<sup>2)</sup> Lutero, 2. 745.

*consciência, de que com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas na graça divina, temos vivido no mundo, e mais especialmente para convosco. 13) Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis; e espero que o compreenderéis de todo, 14) como também já em parte nos compreendestes, que somos a vossa glória, como igualmente sois a nossa no dia de Jesus, nosso Senhor.* Na esperança que os coríntios dariam graças por causa dele, como um dom da graça fora resgatado e devolvido a eles, Paulo não colocava pouco valor sobre seu próprio valor, mas soube que o seu gloriar-se era de tal forma que não o envergonharia. Pois seu ato de orgulhar-se consistiu nisso, a saber, no testemunho de sua consciência, de que se portara no mundo em santidade e sinceridade para com Deus, não em sabedoria carnal, mas na graça de Deus, muito mais porém (do que a qualquer outro) para com os coríntios. Paulo podia esperar esta consideração da parte dos cristãos da Acaia, podia ter esta cordial certeza sobre as orações e a gratidão deles, visto que, segundo sua consciência lhe testificava, sua conduta moral foi acima de qualquer crítica. A santidade e a sinceridade que caracterizaram sua conduta foram qualidades divinas, sendo dons que Deus lhe concedeu, e dos quais fez o uso apropriado. Não fez uso de alguma sabedoria carnal, mas se conduziu como sob a influência da graça de Deus que lhe fora concedida para o desempenho da obra apostólica. Os próprios coríntios podiam testificar a respeito da conduta cristãmente fiel do apóstolo, visto que foram bem maiores as oportunidades que teve em Corinto para ostentar a santidade e a sinceridade da vida cristã, do que em qualquer outro lugar. “Não, como se seu relacionamento cristão com eles tivesse sido caracterizado por qualquer coisa extraordinária, ou além daquilo que mostrara em outros lugares. Ele simplesmente quis dizer: Se acaso puderem existir pessoas a quem não fui manifesto como um ministro honesto e sincero, então vós certamente não as podeis ser (cf. 1.Co. 9. 2), pois onde no mundo inteiro fui tão amplamente conhecido como entre vós?”<sup>3)</sup>

Paulo,

sabendo que seu relato está acima de qualquer ataque, é absolutamente franco com os coríntios: pois nada outro vos escrevemos além do que lestes ou realmente chegastes a conhecer. Ele pensa o que diz, não há qualquer significado oculto em suas cartas. E em todos os demais tratos com eles não empregou ambigüidade. As palavras de seus ensinamentos orais e o que comunicava em suas cartas eram exatamente de acordo entre si. E assim as coisas continuarão, sendo sua esperança que eles o reconhecerão até o fim, tal como alguns de vós já o fizeram. Ele pede para si mesmo constância para continuar na doutrina pura e na vida piedosa. Quanto a eles (pede) que possam de coração grato reconhecer o que Deus lhes deu na pessoa e pela obra do apóstolo. Pois, como Paulo diz: Somos vosso motivo de glória. A igreja de Corinto com justiça podia orgulhar-se do fato que ele foi seu primeiro mestre. E, por outro, eles representavam seu motivo de gloriar-se no dia do Senhor Jesus Cristo. Até mesmo ante o trono de Deus ele os confessará e se orgulhará deles. Deseja comparecer na companhia deles ante o tribunal do Senhor e orgulhosamente apresentá-los como os resultados da graça divina.

Não pode

ser atribuída qualquer inconstância ao apóstolo: *V. 15) Com esta confiança resolvi ir primeiro encontrar-me convosco, para que tivésseis um segundo benefício; 16) e por vosso intermédio passar à Macedônia, e da Macedônia voltar a encontrar-me convosco, e ser encaminhado por vós para a Judéia. 17) Ora, determinando isto, terei porventura agido com levandade? Ou, ao deliberar, acaso delibero segundo a carne de sorte que haja em mim simultaneamente o sim e o não? 18) Antes, como Deus é fiel, a nossa palavra para convosco não é sim e não. 19) Porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que foi por nosso intermédio anunciado entre vós, isto é, por mim, e Silvano, e Timóteo, não foi sim e não; mas sempre nele houve o sim. 20) Porque quantas são as promessas de Deus tantas têm nele o sim. Porque também por ele é o amém para a glória de Deus, por nosso intermédio.* Porque Paulo mudar seu plano original quanto à sua visita a Corinto, alguns de seus inimigos pessoais naquela cidade tentaram apresentá-lo como uma pessoa em que não se pode confiar. Mas ele tem pronta sua defesa: E nesta certeza foi minha vontade visitar-vos

<sup>3)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 9. 23; Cf. Lutero, 12. 74.

primeiro. O plano de Paulo fora, na certeza do pronto reconhecimento deles de sua conduta inquestionável, e que os coríntios, na devida gratidão, o consideravam a causa de sua glória, viajar por Corinto para a Macedônia, parando ele primeiro naquela cidade, para que novamente, pela segunda vez, tivessem o benefício e a bênção de sua presença e instrução. Este plano fora abandonado até mesmo quando escreveu a primeira carta, 1.Co. 16. 5. Planejara, com seu retorno da Macedônia, chegar a Corinto mais uma vez, e de lá fazer a viagem para a Judéia, acompanhado por uma delegação de sua congregação. Ele confessa que houve alteração em seus planos, mas que este fato não prova alguma vacilação em seus planos.

São

Paulo, com solene ênfase, rejeita esta acusação: Quando, pois, tive esta intenção, acaso usei de leviandade? Ou fiz minha proposta, meu plano, segundo a carne, tal como os irregenerados fazem planos e promessas, que comigo sim e não significam a mesma coisa? São meus planos feitos assim como os do homem do mundo, para serem alterados conforme meu próprio capricho, sendo hoje afirmativos, mas amanhã negativos? A insinuação de seus inimigos foi, que Paulo ou não refletiu suficientemente sobre seu plano e a maneira em que os possa executar, ou ele os mudou sem alguma razão válida e por isso ou dava pouca importância às qualidades obrigatórias das promessas. Paulo, porém, sustenta que seus adversários estão enganados quando lhe imputam um comportamento tão volúvel. Inconstância é realmente a característica da pessoa carnal e egoísta, sendo que não se lhe pode confiar. No seu caso, contudo, é falsa esta dedução, como Paulo o afirma solenemente: Mas, assim como Deus é fiel, nossa palavra para convosco não é sim e não. Tão certo como Deus é fiel e leal, também eram confiáveis todas as palavras e instruções que ele empregou no caso dos coríntios. Propositamente é usada pelo apóstolo esta objeção mais ampla, pois, se realmente fosse impossível confiar nele em coisas tão pequenas como são promessas, ou seus assuntos pessoais, então ele também poderia ser indigno de confiança nos assuntos maiores de sua palavra ditas a eles, que acontece em cada forma de ensino. Doutro lado, como ele assevera solenemente, sua própria palavra a eles foi sincera, mesmo no caso de suas promessas de vira a eles antes de viajar para a Macedônia.

O perigo

de que os coríntios fossem influenciados a acreditar que ele fosse indigno de confiança em suas confianças e que estendessem esta suposição à sua doutrina, leva Paulo a enfatizar a verdade e a confiabilidade da doutrina do evangelho assim como ele a ensinava: Pois o Filho de Deus, Cristo Jesus, que foi pregado por nós entre vós, por meio de mim e Silvano e Timóteo, não foi sim e não, mas sim Nele. Jesus Cristo, o Filho de Deus, que é o conteúdo de toda e qualquer pregação apostólica e evangélica, não é algum fundamento incerto ou alguma base inconfiável. Em Cristo não se encontram ao mesmo tempo o certo e o errado, a verdade e a falsidade, a certeza e a dúvida. Ele não é uma vara agitada pelo vento, mas uma rocha que permanece imóvel, ainda que assaltado pelos ataques mais ferozes dos portais do inferno. Para mencionar só três de seus mestres, esta mensagem do evangelho fora trazida aos coríntios por meio de Paulo, Silvano e Timóteo, e todos eles, apesar da diferença em talentos, haviam pregado o mesmo Jesus, da mesma maneira, sem contradição. É Nele que temos os benefícios positivos da sabedoria divina, da justiça, da santificação, da salvação e da glorificação. O divino e eterno sim chegou a existir em Jesus como um verdadeiro ser humano. O cristianismo é a única religião positiva e certa. Pois, tal como Paulo continua sua afirmação confortadora: Por mais numerosas que sejam as promessas de Deus, é Nele que está o sim, motivo pelo qual também por Ele é o amém para a glória de Deus por meio de nós. Jesus Cristo é em sua própria pessoa a incorporação e o cumprimento de todas as promessas de Deus para a humanidade. Ele, ou as cumpriu pessoalmente ou garantiu seu cumprimento por meio de Seus servos. E porque Cristo é desta forma a consumação de todas as promessas divinas, é Ele também o amém, e todas as nossas orações em Seu nome acertadamente são encerradas com esta confissão de nossa confiança na boa vontade de Deus em nos dar todas as bênçãos espirituais que necessitamos em toda a nossa vida. Os cristãos dão ao cumprimento positivo de todas as promessas de Deus pela redenção da humanidade perdida o seu assento cordial por meio de sua confissão colocada no fim de todos os credos e orações. E assim as promessas do evangelho resultam para a

glória e o louvor de Deus que provém da boca dos cristãos, até que o mundo inteiro ecoe com hinos em Seu louvor.

O próprio Deus é testemunha de Paulo: *V. 21) Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, 22) que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações. 23) Eu, porém, por minha vida, tomo a Deus por testemunha de que, para vos poupar, não tornei a Corinto; 24) não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores da vossa alegria; porquanto pela fé já estais firmados.* O conteúdo da pregação do evangelho, que é tão absolutamente confiável, naturalmente lembra o autor de sua mensagem gloriosa: Aquele que convosco nos firma em Cristo e que nos ungiu, é Deus. Este é o fundamento profundo da firmeza de São Paulo e da de todos os cristãos. Tanto mestres como ouvintes são firmemente enxertados em Cristo pelo poder de Deus; Nele são fundamentados e arraigados; por Ele foram ungidos, e foram abençoados com o dom espiritual. Cf. 1.Jo. 2. 27. Ao mesmo tempo, também Deus nos selou, isto é, a todos os cristãos, e nos deu o penhor do Espírito aos nossos corações. Os termos que São Paulo emprega aqui são parcialmente termos legais para designar uma fiança explícita. Deus, em Cristo, pela unção do Espírito, pagou por nós a fiança de nossa salvação, e agora Ele faz a caução da entrega de nossa redenção, que é a consumação de nossas esperanças cristãs.<sup>4)</sup> Nota: Dificilmente pode ser imaginada uma promessa e certeza mais explícita da certeza de salvação no caso daqueles que aceitam pela fé a redenção de Cristo: Deus paga o penhor no sangue de Seu Filho, Ele nos unge para sabermos e crermos Seu plano para a salvação do mundo, Ele sela este conhecimento em nossos corações, Ele garante o pleno gozo de todas as nossas esperanças. Este foi o auge da mensagem de Paulo, e por sua proclamação ele defendeu sua reivindicação de possuir um caráter moral imaculado.

Contudo, o apóstolo, sendo esta a situação, expressa agora sua afirmação mais solene: Eu, porém, invoco Deus como testemunha contra minha vida. Tal como apelara para a fidelidade do Deus lá do alto, v. 18, aqui ele dá um passo à frente. Que Deus aparecesse como testemunha contra sua vida, para sua condenação por meio de Seu justo juízo, se for mentira o que diz. Este juramento solene neste momento foi justificável, porque o crédito de Paulo como apóstolo fora colocado em dúvida, e com isto esteve essencialmente ligada a honra de Cristo, que o enviara, e a causa de Deus, que ele representou em Corinto.

Que ele não foi a Corinto, como planejava, não foi um caso de leviandade ou inconstância, mas ele desistiu da idéia de ir para poupá-los. Tivera a esperança que sua primeira carta reconduziria os cristãos de Corinto ao adequado relacionamento com ele, e que lhe fosse necessário vir a eles com a vara, 1.Co. 4. 21. Seu procedimento para com os coríntios em não visitá-los, longe de ser um fluxo de uma disposição egoísta, foi uma manifestação de seu amor compassivo. E para que ninguém entendesse mal também a esta afirmação, como se ele conjecturasse a respeito de direitos que não possuía sobre eles, ele acrescenta, numa forma parentética: Não que somos senhores sobre a vossa fé; não pertence ao seu ofício apostólico controlar a fé deles, a vida religiosa deles, e o relacionamento deles quanto à verdade cristã. Mas somos cooperadores de vossa alegria; era seu maior prazer ser capaz de servi-los trazendo a alegria da fé aos seus corações. Pois é pela vossa fé que estais de pé; isto Paulo disposto lhes concede. Não lhes seria possível evidenciar uma firmeza tão uniforme, se neste sentido se submetessem a alguma outra autoridade. Notamos que o apóstolo fala de modo geral sempre que se refere ao caráter cristão de seus leitores, assumindo sempre, por amor à caridade, que sua afirmação é verdadeira quanto a todos eles.

#### **Resumo:**

Depois da saudação o apóstolo inicia sua carta com um agradecimento a Deus, que é continuado como uma palavra de consolo aos seus leitores; defende sua conduta e vida e a mudança em seus planos numa passagem que enfatiza a certeza das promessas do evangelho.

---

<sup>4)</sup> Cf. Moulton e Milligan, *Vocabulary*; Deissmann, *Bible Studies*, 230.

## Capítulo 2

A

Apostólica Bondade De Paulo. 2.Co. 2. 1-11.

Paulo

continua sua exposição: *V. 1) Isto deliberei por mim mesmo; não voltar a encontrar-me convosco em tristeza. 2) Porque, se eu vos entristeço, quem me alegrará, senão aquele que está entristecido por mim mesmo? 3) E isto escrevi para que, quando for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me; confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa. 4) Porque no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida.* Paulo declarara que reconsiderara sua intenção de visitá-los primeiro e que mudou seu plano sobre sua ida para os poupar. E aqui ele acrescenta outro ponto para sua consideração: Mas decidi isto por causa de mim mesmo, para não vir novamente a vós em tristeza. Sua próxima visita não devia ser a experiência angustiante que foi sua anterior. Por isso parece que Paulo fez uma breve visita a Corinto durante sua longa estada em Éfeso, e que foram profundamente machucado e magoado pelas condições que lá encontrou. Fora forçado a usar de severidade, de causar-lhes tristeza, 1.Co. 4. 21. Por isso em toda gentileza pergunta: Por isso se entristeço algum de vós, quem é, pois, aquele que me alegra, que me anima, senão aquele que foi por mim entristecido? Fora seu amor aos coríntios que o moveu a condenar os pecados e as faltas deles, de causar-lhes tristeza, pois teve em mente o arrependimento deles o qual, por sua vez, alegria seu próprio coração. Mas se tivesse ido a eles na primeira ocasião que planejava, então as mesmas pessoas nas quais confiava para animá-lo, mais uma vez lhe teriam causado dor, visto que os abusos, que queria ver afastados, na ocasião ainda eram por eles tolerados. Cumprindo sua missão como seu pai espiritual, impondo-lhes os castigos que a situação merecia, então teria sido privado da alegria que os cristãos de Corinto, como seus filhos, lhe causavam. Tal como as coisas estavam, sua carta realmente causara tristeza, mas, enquanto isto, as coisas se haviam ajustado, e Paulo foi poupado da comunicação pessoal de tristeza.

No

versículo seguinte este pensamento é expresso de modo ainda mais pleno: Escrevi exatamente isto, para que não tivesse tristeza quando for da parte daqueles de que devia receber ânimo, estando firmemente persuadido quanto a vós todos que minha alegria é a de todos vós. O desejo de poupá-los e livrar a si mesmo de dor moveram ao apóstolo para enviar sua censura por escrito, tal como o fizera na primeira carta. Este procedimento tornou tudo mais fácil para ambas as partes: livrou a ele duma experiência desagradável, que foi um fato tanto mais pesado visto que o relacionamento deles com ele sempre devia ter sido de tal natureza que ele fosse animado. O que isto exatamente significou para ele aparece do fato que ele esteve plenamente persuadido, ou seja, que ele sentia a maior confiança em todos eles, que sua alegria era a de todos eles. Teve certeza do laço de solidariedade entre eles. Deviam ter a vontade de vê-lo sempre animado e feliz, e ele, considerando a todos eles como seus amigos, certamente estaria disposto a poupá-los duma experiência desagradável.

O

apóstolo não desejava experimentar de novo do estado de espírito em que escreveu sua primeira carta: Pois sob grande aflição e ansiedade de alma vos escrevi com muitas lágrimas. Muitas partes da primeira carta podem parecer duras e que tendiam a nada outro do que a um sentimento de alegria, mas seu amor sincero pelos coríntios tornou tanto maior sua lamentação sobre a ofensa deles e o seu temor pelo perigo que corriam. Propositalmente ele se controlara, para que seus oponentes não pudessem trazer contra ele a acusação de ser impulsivo e sem controle. Por tudo isto, porém, as circunstâncias que acompanhavam o caso foram as que o apóstolo recém afirmou,

sendo seu propósito dizer-lhes por enquanto: Não que devais ser entristecidos, mas para que conheçais o amor que, de modo tão abundante, tenho para convosco. Assim como o amor da mãe é o mais terno para com a criança doentia e fraca, assim como o pastor de ovelhas mostra a profundidade de seu amor em especial na procura daquela que está perdida, assim também Paulo em seu cuidado por todas as congregações, cap. 11. 28, teve um amor especial pelos coríntios, porque eram os que mais precisavam de amor e lhe causavam a maior ansiedade. O mesmo amor pastoral e mostrado hoje em milhares de casos, mas provavelmente com a mesma pequena apreciação da parte daqueles que são o objeto deste cuidado amoroso.

O caso do pecador manifesto: *V. 5) Ora, se alguém causou tristeza não o fez apenas a mim, mas, para que eu não seja demasiadamente áspero, digo que em parte a todos vós; 6) basta-lhe a punição pela maioria. 7) De modo que deveis, pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza. 8) Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor. 9) E foi por isso também que vos escrevi, para ter prova de que em tudo sois obedientes. 10) A quem perdoais alguma coisa, também eu perdôo; porque de fato o que tenho perdoado, se alguma coisa tenho perdoado, por causa de vós o fiz na presença de Cristo; 11) para que Satanás não alcance vantagem sobre vós, pois não lhe ignoramos os desígnios.* Este parágrafo serve de modelo de amável tacto e delicadeza pastoral. Não pode haver dúvida que Paulo se refere à pessoa incestuosa a respeito da qual escrevera tão asperamente na primeira epístola, cap. 5. 1-5. Contudo, ele escreve: Mas se alguém causou tristeza. Não menciona a ofensa e nem o ofensor, preferindo suprimir o assunto que fora resolvido tão satisfatoriamente com a menor sensação possível. Pois o ofensor, quando causou tristeza, não magoou a ele, visto que Paulo não foi o alvo direto da ofensa, mas em certo sentido (para que não calque demasiado sobre ele) a todos vós. Paulo sentira o pecado só até onde ele ferira a congregação de Corinto e com isto magoou toda a igreja de Deus. Ele não tem o desejo de lançar um peso maior sobre o pecador arrependido do que as circunstâncias expressamente requeriam. De modo algum quis Paulo continuar a carregar alguma queixa, em especial agora que com o arrependimento do pecador a tristeza da congregação fora tornada em alegria.

Por isso o apóstolo acrescenta a gentil admoestação: A um tal é suficiente esta penalidade, este castigo, da parte da maioria. Evidentemente haviam sido executadas as orientações dadas pelo apóstolo quanto ao modo de lidar com o homem incestuoso, estando a maioria dos membros disposta para seguir as palavras de seu mestre. Contudo, não pode ser determinado, se o homem de fato foi excluído da congregação cristã ou se aceitara a repreensão da congregação. De qualquer maneira, fora ele disciplinado severamente, e, de alguma forma, tomou sobre si a penalidade, o castigo de seu pecado, e ainda estava sob ignomínia. Paulo, por isso, brada por um basta; foi feito o suficiente; foi alcançado o objetivo. Já passou o tempo para mostrar severidade, agora precisam ser empregadas leniência e bondade: Assim que, pelo contrário, deveis antes ser bondosos para com ele e confortá-lo, para que o tal não submirja devido à excessiva tristeza. Toda e qualquer dureza devia ser esquecida e estar em evidência nada mais do que confortadora bondade, tão logo que foi feita por parte do ofensor uma confissão plena e espontânea de pecados. Pois, não sendo este o caso, o culpado pode ser levado ao desespero e ser frustrado todo o objetivo das medidas disciplinadoras. Quando não se dá ao pecador arrependido a certeza plena e inquestionável da graça e do perdão divinos, ele pode abandonar toda esperança de salvação e todos os esforços para obter a vida eterna, e afastar-se do evangelho com o coração persistentemente amargurado contra Cristo e a igreja cristã. Quanto mais triste e abatida está uma consciência porque no estado da excomunhão sente a ira de Deus e o poder de Satanás, tanto mais ardente devia ser a proclamação da graça de Deus feita em Cristo Jesus. “Por isso deviam os pastores de modo realmente enfático e severo ralhar e repreender aqueles que caíram. Mas, quando percebem que sentem tristeza deles sobre seus pecados e querem levar uma vida melhor, devem eles, por sua vez, confortar e ajudá-los, tornando, tanto quanto podem, seus pecados como pequenos e leves, a saber, neste sentido, que a

misericórdia de Deus, que não poupou Seu próprio Filho, mas por nós todos O entregou, é maior do que todo pecado, para que aqueles que caíram não submerjam sob demasiada tristeza.”<sup>5)</sup>)

É neste espírito que Paulo escreve: Por isso vos exorto a fazerdes valer o (vosso) amor para com ele. A pessoa culpada devia ser restabelecida à comunhão da igreja por meio duma decisão formal, assim devia o amor deles para com o irmão se deveria fazer valer. Da mesma forma como pela congregação fora usado o poder de ligar, também devia ser aplicado o poder de soltar. E o apóstolo sustenta seu apelo de modo bem hábil: Escrevo também com esta finalidade para que saiba com evidência se em tudo sois obedientes. Quando lhes escreveu a primeira epístola, tivera como objetivo prová-los, se de modo disposto aceitavam sua autoridade apostólica e agir de acordo com ela. Agora que o objetivo das medidas disciplinadoras havia sido alcançado, já não mais devia sobrar um traço sequer de vingança, e com igual ânimo submisso certamente executariam também as atuais instruções, e se mostrariam tão leais como ele esperava que fossem.

Paulo

acrescenta, para fazê-los sentir que estava unido com eles no ato público do perdão: Mas a quem vós perdoais algo, eu igualmente (perdô); pois também eu, o que perdoei (caso perdoei algo), por amor de vós o fiz perante a face de Cristo, para que Satanás não tire proveito de nós; visto que não nos são desconhecidos os seus projetos. Aqui são reforçados pelo apóstolo tanto a disposição da congregação para perdoar como também o consolo do pecador arrependido. Os membros da igreja de Corinto deviam estar certos que estavam usando seu poder, o Ofício das Chaves, corretamente ao seguirem as suas instruções, visto que neste caso está expresso o seu próprio perdão. Também podiam lembrar sempre que ele não presumia qualquer autoridade sobre eles, em tais assuntos não exerceria domínio sobre eles. Ele expressa sua posição na forma dum postulado, de que, no caso de haver perdão, ele concordaria com eles na absolvição. Perdoaria ao pecador arrependido por amor deles na presença, na face, de Cristo, o Redentor do mundo. Para não contradizer a si mesmo, v. 5, acrescenta, na forma dum parêntesis: Quando admitimos, salvo que tenha perdoado algo. Por isso é necessário usar de toda leniência evangélica por causa das muitas armadilhas do diabo, que certamente aproveitaria a oportunidade para empregar todas as forças para aprisionar a pessoa culpada. O apóstolo escreve, que o desespero a levaria direto para os braços do diabo, sendo que ele pessoalmente tinha alguma experiência e noção deste assunto, visto que estava a par dos planos do adversário das almas humanas. Longe de entregar o ofensor como uma vítima bem-vinda dos estratégias de Satanás, e quis que fossem empregadas todas as precauções para repelir seus avanços e frustrar seus planos. Nota: Este mesmo espírito de amável misericórdia devia caracterizar cada pastor e cada congregação em referência a cada pecador arrependido, não importando quão grande tenha sido a ofensa original.

### O Triunfo

Do Apóstolo Em Cristo. 2.Co. 2. 12-17.

V. 12)

*Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e uma porta se me abriu no Senhor, 13) não tive, contudo, tranqüilidade no meu espírito, porque não encontrei o meu irmão Tito; por isso, despedindo-me deles, parti para a Macedônia. 14) Graças, porém, a Deus que em Cristo nos conduz em triunfo, e, por meio de vós, manifesta em tudo lugar a fragrância do seu conhecimento. 15) Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo; tanto nos que são salvos, como nos que se perdem. 16) Para com estes cheiro de morte para morte; para com aqueles aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas? 17) Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus.* Aqui Paulo retorna à

---

<sup>5)</sup> Lutero, citado em Besser, *Bibelstunden*, 9. 52.

descrição de sua própria condição espiritual no tempo quando escreveu a primeira epístola, e quando principiou sua viagem para Macedônia. Chegara a cidade de Trôade na Mísia, junto ao Mar Egeu, onde, em sua segunda viagem missionária, tivera a visão que o chamou para a Europa, At. 16. 8-11. Mas, ainda que chegara até ali por causa do objetivo do evangelho de Cristo, com a intenção de pregar o evangelho, e ainda que a porta da oportunidade se lhe abria no Senhor, o que lhe concedeu suficientes ocasiões para atuar na esfera que lhe era tão cara, ele, ainda assim, não teve descanso em seu espírito, e não se podia livrar da preocupação que o entravava no trabalho. Estava labutando sob tamanha ansiedade que não conseguia realizar suas obrigações do modo como o fazia em outros lugares, sendo o maior motivo desta situação que não achou Tito em Trôade, como havia esperado. Tito devia trazer-lhe a informação sobre a situação em Corinto, e ele esperara encontrá-lo no porto. Por isso sua crescente inquietação, sua preocupação sobre a congregação de Corinto, moveu-o a despedir-se dos irmãos de Trôade, os quais, apesar de seu desejo para ter o querido apóstolo em seu meio, respeitaram sua inquietude. Foi assim que chegou a Macedônia, onde escreveu a presente carta. Nota: O fato que Paulo, apesar de ser um apóstolo inspirado do Senhor e um mestre de igreja cristã de todos os tempos, ainda assim esteve sujeito a tentações, a períodos de opressão de espírito e desalento, é um conforto para nós, instando-nos a sermos fortes em meio a ataques de fraqueza semelhante.

Todas as preocupações do apóstolo foram dispersas com a informação trazida por Tito, a quem Paulo encontrou na Macedônia, como mostram suas palavras triunfantes: Graças, porém, a Deus que sempre faz que triunfemos em Cristo, literalmente, que nos conduz numa procissão triunfal. A ênfase está em “sempre”. Sejam quaisquer a ansiedade e a aflição que assediam os cristãos, eles sempre são participantes da vitória de Deus, até mesmo que aconteça na atuação de um dos conquistados, de um dos cristãos ganhos para o Senhor por meio do evangelho. E Deus não somente se utiliza do apóstolo nesta aptidão, mas ele também torna manifesto em cada lugar o odor, o cheiro, do conhecimento de Cristo por meio do apóstolo e de seus companheiros. O conhecimento de Jesus Cristo, do Salvador, tal como Paulo o espalhou nos países desde Jerusalém ao Mar Egeu e mesmo além, é um odor de sacrifício que é agradável a Deus. Cf. Mt. 1. 11. Seus resultados podem estar ocultos aos olhos do homem, mas o Deus onisciente se apraz com um sacrifício como este, e todos aqueles que tem mente espiritual observam seu poder. “Pois a respeito da presença, operações e dons do Espírito não se deve nem se pode sempre julgar *ex sensu* como e quando se experimenta isso no coração, porém, visto que isso muitas vezes está coberto e sucede com grande fraqueza, devemos estar certos, da promessa e segundo ela, que a palavra de Deus pregada e ouvida é ofício e obra do Espírito Santo, pelos quais ele certamente é eficaz e opera em nossos corações. 2.Co. 2.<sup>6</sup>)

Os

agradecimentos de Paulo são dados a Deus porque era um ministro da palavra vitoriosa, que incidentalmente oferecia a Deus um sacrifício de cheiro aromático: Pois somos um doce cheiro de Cristo para Deus. O conhecimento de Cristo foi um doce cheiro que agradava a Deus, mas todo o ministério de Paulo, no qual era tão incansável, também foi um suave aroma do Senhor, sendo que todo seu viver tinha o odor da santidade, o odor de Cristo permeava a ele e a todo o seu agir. Todos os cristãos, visto que estão cheios do conhecimento de Cristo e de Deus, participam desta qualidade maravilhosa: aromas de santidade sempre deviam emanar de todo seu viver e conduta. Mas Paulo, falando especialmente de si e de seus cooperadores, diz que eles são o suave aroma de Cristo naqueles que são salvos como também nos que se perdem, isto é, naqueles que estão envolvidos no processo de serem salvos ou de se perderem. Para alguns, de fato, um cheiro de morto para a morte, mas para outros um cheiro da vida para a vida. O glorioso aroma do nome e da mensagem de Cristo passa com igual doçura sobre todas as pessoas, mas no efeito há uma grande diferença. Aqueles que são salvos se tornam participantes da salvação porque recebem vida do misericordioso odor que sobe em qualquer lugar onde o evangelho é pregado. Aqueles, porém, que se perdem,

---

<sup>6</sup>) Formula Concórdia, Sol.Decl. II. 56.

deliberadamente, pegam veneno deste mesmo odor glorioso que originalmente se destina só para a vida. o odor que som pode dar a vida tem, por isso, um efeito mortífero sobre seus corações e mentes, porque persistem em sua incredulidade e não querem aceitar a verdade da redenção. A mesma graça que salva a todos os pecadores é oferecida aos que estão perdidos, mas no caso destes o evangelho só conseguiu operar repulsa, resistência e contradição contra o santo amor de Deus, sendo o efeito que a palavra da cruz é para eles loucura e uma ofensa, 1. Co. 1. 23. Cristo é para eles um sinal para ser contradito, Lc. 2. 34, uma pedra de tropeço e uma rocha de ofensa, 1. Pe. 2. 8, e assim eles trazem sobre si mesmos o castigo da cegueira, Jo. 9. 39.

Não admira que Paulo, que está completamente cômico deste resultado de seu trabalho, exclama: Mas quem é capaz para estas coisas? A resposta está parcialmente implícita: Por si mesmo, ninguém, e, com certeza, jamais aqueles que adulteram a palavra de Deus. Mas ele acrescenta em defesa de si e dos demais mestres: Mas nós não somos como a maioria, inclusive os falsos apóstolos de Corinto, que adulteram a palavra de Deus, que corrompem a mensagem divina contida no evangelho. Naquela época como também hoje havia muitos que recorriam a tais truques com o objetivo de ganho sujo, que retiravam a força da lei e a beleza e o consolo do evangelho. Paulo não quer ser identificado com estes. Mas falamos em Cristo a partir da sinceridade, a partir de Deus, à vista de Deus. Seu sentimento pessoal e sua atitude eram de total sinceridade, estando todo seu ministério aberto perante dos olhos de todas as pessoas. Seu comissionamento era da parte de Deus. Ele não desejara nem buscara o ofício, mas realizava seu trabalho como alguém enviado por Deus. Ele esteve sempre cômico da presença de Deus e da necessidade conseqüente de andar em Sua presença de modo imaculado. Ele falou em Cristo, em comunhão com Ele, sendo um amante da verdade e um inimigo da falsidade. Encontrou em Cristo o conteúdo precioso do evangelho, e tentava imprimir este tesouro a outros por meio de seu ensino. Foi assim que ele triunfou em Cristo e deu toda honra a Cristo e a Deus, exatamente como devia ser feito por todos os ministros fiéis de Jesus até os nossos dias.

#### **Resumo:**

Paulo continua sua explanação sobre sua mudança de planos, insistindo na bondosa aceitação do ofensor arrependido, descreve a depressão enorme que experimentara em Trôade, e descreve o conhecimento e o ministro de Cristo como um cheiro para a vida e para a morte.

### **Capítulo 3**

#### *A Glória*

*Do Ministério Do Novo Testamento.* 2.Co. 3. 1-18.

A carta de recomendação de Paulo: *V. 1) Começamos, porventura, outra vez a recomendar-nos a nós mesmos? ou temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós outros, ou de vós? 2) Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens, 3) estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações.* O apóstolo foi, muitas vezes, impelido a uma autodefesa, e por isso ele também fez afirmações sobre seu trabalho que seus opositores, sempre na busca de faltas e defeitos, maldosamente expunham como autoglorificação. Cf. 1. Co. 9. 15; 14. 18; 15. 10. Visto, pois, Paulo recém havia escrito que sua pregação do evangelho fora feita em toda sinceridade e visto que os adversários poderiam aproveitar a ocasião para repetir sua acusação, ele se previne contra suas insinuações: Acaso começamos novamente a recomendar-nos? – algo do que falsamente fora acusado. Sua pergunta afirma com clareza que nas declarações que fizera não há sequer um grão de presunção pecaminosa. E ele repete com ênfase: Ou será que precisamos de cartas de

recomendação para vós ou de vós, tal como alguns outros? Esta é uma ironia fina contra os falsos apóstolos e mestres judaizantes. Parece que alguns desses, tendo chegado a Corinto, apresentaram cartas como estas que foram escritas por membros proeminentes de outras congregações, em especial por homens de tendências judaizantes. Paulo, contudo, repele com desprezo e zomba a idéia de que ele “que primeiro trouxe o evangelho para Corinto precisasse apresentar credenciais formais à igreja de Corinto; também seria algo anômalo que deles devesse procurar recomendações.”<sup>7)</sup> A idéia era ridícula e absurda. O testemunho de seu caráter e de seu ofício é muito superior do que algum que qualquer congregação lhe pudesse dar.

Agora o apóstolo usando uma convincente habilidade se volta aos coríntios com a afirmação: Vós sois nossa carta, escrita em nossos corações, sedo conhecida, reconhecida e lida por todas as pessoas. Os cristãos de Corinto eram um certificado, uma carta de recomendação, superior à qualquer uma que os intrómetidos eram capazes de produzir. Deviam todo o seu estar em Cristo ao seu trabalho de plantar e edificar, de ensinar e educar. Que necessidade tinha Paulo de mais cartas? Eram as suas credenciais, estas em seu coração, sendo ele próprio o redator, o portador e o recebedor desta carta. A boa e má sorte da congregação de Corinto, ou seja, o seu sucesso, era a preocupação constante do apóstolo; isto ele carregava com dedicada prece em seu coração. E a carta que ele, desta forma, carregava como um testemunho constante, como tal, estava aberta ao conhecimento do mundo, que sem qualquer dificuldade podia ser lida: tanto a escrita como o conteúdo podiam ser reconhecidos e apropriados por todos os observadores que se davam o cuidado para investigar. “Fatos falam mais alto do que palavras.”

O

apóstolo explica isto mais amplamente: Manifesto como está que sois uma carta de Cristo, preparada por meio de nosso serviço; Cristo foi o autor e Paulo atuou como Seu secretário. E a própria carta não foi escrita com tinta em longas tiras ou pedaços de papiro, como era o costume da época, mas pelo Espírito do Deus vivo. Como diz o apóstolo, a verdade do evangelho fora impressa por meio da instrumentalização do Espírito em seus corações: Não em tabuletas de pedra, mas em tabuletas que foram corações de carne. Esta maravilhosa carta foi composta da seguinte forma: Cristo o autor, o Espírito Santo o transmissor do poder divino, Paulo o secretário e ministro. A referência usada por Paulo recorda um acontecimento na história de Israel, quando foi escrito o Decálogo pelo dedo de Deus sobre tabuletas de pedra. Aqui, porém, é implantado o evangelho, as graciosas novas da expiação pela redenção de Cristo, como uma bênção duradoura no coração: Cristo habitando pela fé no coração.

O

espírito contrastado com a carta: *V. 4) E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus; 5) não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus, 6) o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.* A obra que Paulo, como servo de Deus, fizera em Corinto foi digna de toda recomendação. Mas ele evita até mesmo a suspeição de autoglorificação quando escreve: Mas temos esta certeza por meio de Cristo em Deus. Esta foi a convicção, a serena certeza, que Paulo teve, que a congregação de Corinto era sua carta de recomendação, que sua situação quanto à doutrina e à vida eram um constante testemunho em favor de sua obra. Mas esta convicção não foi algo que brotou dum falso amor-próprio, mas pelo contrário uma persuasão de Deus, com respeito a Deus, o autor da obra, e através de Cristo, por meio de cujo poder ele alcançara coisas tão maravilhosas em Corinto. “Cada pregador devia ter este orgulho, que esteja certo e que também seu coração tenha a convicção e seja capaz de dizer: Esta convicção e coragem tenho para com deus em Cristo, que minha doutrina e minha pregação é realmente a palavra de Deus. Assim também quando ele atua

---

<sup>7)</sup> *Expositor's Greek Testament*, 3. 52.

em outros ofícios na igreja, quando batiza crianças, absolve e conforta um pecador. Isto, igualmente, deve ser feito na convicção certa que é mandato de Cristo.”<sup>8)</sup>

As

palavras de Paulo sobre o ministério do Novo Testamento condenam toda e qualquer vaidade, presunção, pretensão e falsa certeza, como diz Lutero, e atribuem toda honra e glória a Deus: Não que por nós mesmos sejamos capazes de formar uma opinião sobre nós mesmos, mas a nossa suficiência vem de Deus. Aqui é rejeitada a própria sugestão de que estivesse louvando e elogiando seus próprios esforços, recomendando seu em Corinto como se fosse fruto de sua própria habilidade. Pelo contrário, diz ele a respeito de si mesmo e de todos os ministros do evangelho, não só que carecem da qualificação para o serviço da palavra, mas que nem mesmo são capazes para ter as opiniões certas, para formar em qualquer coisa ligada ao ofício o juízo apropriado, seja grande ou pequeno, como se viesse deles. Quando algum pregador do evangelho se apóia sobre sua habilidade natural, sua sabedoria acumulada, sua própria capacidade, então ele ainda carece totalmente desta suficiência que o Senhor exige para o serviço apropriado. Daquele cujo requerimento imutável é o reconhecimento de sua própria insuficiência e indignidade. Há tão somente uma maneira pela qual um homem se pode tornar suficiente, pode alcançar as qualificações corretas para o trabalho da pregação do evangelho, e esta acontece pelo dom gracioso de Deus. Tudo quanto um pregador pensa, faz e realiza com sucesso em seu ofício lhe é concedido por Deus, é realizado por Deus através dele, a quem, por isso, sejam dadas sempre toda glória e toda a honra.

Incidentalmente, contudo, Deus cuida da obra que Ele confiou a fracas mãos humanas, a mentes instáveis mentes humanas: Que também nos tornou suficientes, deu-nos as qualificações apropriadas, como ministros da Nova Aliança, a saber, como ministros, não da letra, mas do espírito; pois a letra mata, mas o espírito concede vida. Deus precisa dar, e realmente dá, a habilidade, as qualificações necessárias, àqueles que são ministros, que servem na obra do evangelho, desde que sejam de fato servos do evangelho, e não nominalmente. Ele os capacita para serem ministros da Nova Aliança, para dedicar seu tempo e sua energia à sua propagação, à repartição dos dons da graça do Novo Testamento. Pois a palavra “nova” sugere que aqui o apóstolo contrasta o ministério atual com aquele do Antigo Testamento que fora estabelecido com os filhos de Israel no Monte Sinai. Da aliança antiga diz ele, que foi uma aliança da letra; do último, que é uma aliança do Espírito; ele contrasta a lei com o evangelho. “Pois ele emprega a palavra ‘letra’ de modo um tanto desdenhoso a respeito da lei (a qual ainda assim também é palavra de Deus) em comparação do ofício e da pregação do evangelho.... Pois ‘letra’ é o que chamado, e de fato é, toda e qualquer forma de mandamento, de doutrina e de pregação que só permanece na palavra ou no papel e na letra, e não é feito mais nada depois disso.... Da mesma forma também o mandamento de Deus, visto que não é guardado, mesmo que seja a doutrina mais nobre e a vontade do Deus eterno, precisa ainda assim suportar que as pessoas dela façam uma mera letra e casca oca, visto que sem alma e sem fruto não consegue trazer vida e salvação.... Doutro lado, há uma doutrina e pregação totalmente diferente, que ele chama o ministério do Novo Testamento e do Espírito, que não ensina o que tu deves fazer (pois isto ouviste anteriormente); mas ele indica a você o que Deus deseja fazer e dar a ti, sim, já fez, neste sentido, que Ele deu Seu Filho, Cristo, por nós, pois por causa de nossa desobediência à lei, que nenhuma pessoa consegue cumprir, estivemos sob a ira e a condenação de Deus, ele pagou pelos nossos pecados, reconciliou Deus, e concedeu-nos a Sua justiça.”<sup>9)</sup> Este contraste está expresso pelo apóstolo numa breve sentença: A letra mata: a lei é a instrução da morte, Rm. 5. 20; 7. 9; 8. 2, porque nenhuma pessoa é capaz de cumprir suas exigências, e por isso cada pessoa está sob sua sentença de morte; o Espírito dá a vida: o evangelho nos traz a gloriosa notícia da imerecida graça de Deus em Cristo Jesus, do completo cumprimento da lei, da paga de toda a culpa, da apropriação da perfeita justiça, vida e salvação. E o evangelho

---

<sup>8)</sup> Lutero, 12. 839.

<sup>9)</sup> Lutero, 12. 844.

traz o Espírito Santo aos corações; seu poder é o do Espírito, que opera no pecador uma nova vida espiritual, dá-lhe a confiança cordial de conhecer Deus como seu querido Pai, e de viver uma vida de gratidão, justiça e pureza.

A glória do ministério da justiça: *V. 7) E se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente, 8) como não será de maior glória o ministério do Espírito? 9) Porque se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça. 10) Porquanto, na verdade, o que outrora foi glorificado, neste respeito já não resplandece, diante da atual sobreexcelente glória. 11) Porque, se o que se desvanecia teve sua glória, muito mais glória tem o que é permanente.* O contraste do v. 6 aqui é expresso em detalhes, provavelmente por causa dos opositores judaizantes de Corinto, cujo alvo foi exaltar a pregação da lei, e colocá-la ao lado do evangelho como sendo necessária para a salvação. O apóstolo reconhece: Mas se o ministério da morte, gravado em letras sobre pedras, foi ou chegou a existir em glória, assim que os filhos de Israel não podiam olhar fixamente na face de Moisés por causa da glória, do brilho, de seu rosto, ainda que fosse transiente. O ofício da pregação da lei é um ofício para a morte, pois, segundo as condições são aqui na terra, ou seja, em meio à humanidade caída, nenhuma pessoa pode guardar a lei, e por isso todas as pessoas estão sob sua condenação. A lei é e precisa permanecer às pessoas pecaminosas uma letra morta, sendo incapaz de operar a vida. Na forma do Decálogo, foi ela, realmente, gravada pelo dedo do próprio Deus em tabuletas de pedra, Ex. 32. 16. Mas, exatamente este fato mostra ao apóstolo que, no que diz respeito a todas as pessoas, a lei lhes permanece algo externo. É uma letra imóvel, moldada e gravada em pedra; não pode transmitir ao pecador a vida e o poder para a guardar, não pode operar capacidade espiritual. De fato é verdade, que a lei e seu ministério chegaram a existir em glória; pois quando o Senhor dera a Moisés a lei toda com sua explicação, e quando, depois disso, Moisés retornou ao arraial dos filhos de Israel, a pele de sua face, porque estivera na presença da glória de Deus, assumira um tal grau de brilho, Ex. 34. 29-30, que os filhos de Israel se sentiram incapazes de olhar para Moisés por mais tempo, sendo cegados pelo brilho de seu rosto. Este brilho, ainda assim, foi de natureza transitória, foi visível quando Moisés veio da presença divina, mas evanesceu quando a ocasião desapareceu.

A seguir o argumento de Paulo é: Se até este ministério, tal como descrito aqui, esteve associado à glória divina, ainda que de um caráter transitório, como, ao contrário, não terá glória o ministério do Espírito? Se foi glorioso o ofício que só podia estar a serviço da morte, então, com certeza, o ofício que concede o Espírito de Deus, que O transmite com todos os Seus dons aos corações dos que crêem, é muito antes intitulado a esta distinção. De fato o ministério do Novo Testamento não está ligado com um brilho exterior e físico do rosto, mas possui uma glória espiritual, que em muito transcende qualquer brilho corporal, uma glória que é concedida à mente, ao coração e ao corpo de cada um que crê, tornando sua vida um reflexo da glória divina e eterna. “A glória do Senhor é o conhecimento de Deus. Moisés também tem glória, isto é, o conhecimento e a compreensão da lei. Quando tenho o conhecimento da lei, então olho para o Seu rosto luminoso e para dentro de Sua clara luz. Agora, contudo, já ultrapassamos isto e temos uma compreensão superior do Senhor Jesus Cristo; todo aquele que reconhece a Este como o homem que socorre, que concede o poder para cumprir a lei, por meio de quem temos recebido perdão dos pecados, então é nisso que se reflete Sua glória em nós, isto é: assim como o brilho do sol se reflete na água ou no espelho, assim Cristo se reflete e derrama seu brilho em nosso coração, assim que somos glorificados de uma glória para a outra, para que, diariamente e de modo sempre melhor, cresçamos no e conheçamos o Senhor.”<sup>10)</sup>

O apóstolo repete a mesma idéia numa ênfase levemente diferente: Pois se o ministério da

---

<sup>10)</sup> Lutero, 11. 1768. 16 (cf. alemão)

condenação é glória, então com muito maior razão excede em glória o ministério da justiça. O ofício da lei é um ministério da condenação, que só pode pronunciar a condenação sobre todas as pessoas, visto que todas elas são transgressores da lei; precisa afirmar que todas as pessoas estão sob a maldição, que todos pecaram e se privaram da glória de Deus, que mereceram Sua ira e seu desagrado, a morte temporal, e a condenação eterna. Por isso, se até este ministério tem glória, com tão grandes resultados que acompanharam sua ação, quanto mais glorioso precisa ser o ministério do evangelho! Pois a pregação do evangelho é um ministério da justiça; mostra-nos como podemos ser tornados justos à vista de Deus; nos imputa a perfeita justiça que nos foi conquistada pelo nosso Redentor; nos revela a justiça que vem pela fé a todos os que crêem, Rm. 3. 22. Dum lado, a sentença da condenação abrindo ante nós a morte e o inferno; doutro lado, a sentença da misericórdia, que nos dá a certeza da salvação eterna: quanto mais excede o último ao anterior!

O apóstolo expressa de modo tão enfático a superioridade do ministério do Novo Testamento, a ponto de chega a um certo auge: Pois aquele que foi tornado glorioso, o ministério da Antiga Aliança, neste sentido não foi feito glorioso, por causa da sobre-excelente glória (do ministério do Novo Testamento); pois se o que foi transitório teve glória, muito mais é glorioso aquele que é permanente. O que o apóstolo quer dizer, é que quando uma pessoa realmente coloca em prática a comparação em todos os seus aspectos e de todos os seus lados, o resultado final será que realmente não resta qualquer glória para o ministério da Antiga Aliança; sua glória desaparece quando colocado ao lado do ministério do Novo Testamento, exatamente como a luz das estrelas se some diante da majestade do sol nascente. “Quando de modo correto se olha sobre este brilho e santidade, que por meio da pregação do evangelho temos em Cristo, então aquela parte da glória, a saber, a da lei (que somente é uma glória diminuta, temporária e passageira), realmente nem glória é, antes não passa de nuvens escuras ao lado da luz de Cristo, que agora nos ilumina o caminho para sairmos do pecado, da morte e do inferno para Deus e a vida eterna.”<sup>11)</sup> Pois, se o que foi transitório, que é o ministério da lei, que só foi planejado para um breve espaço de tempo, teve glória, então aquilo que permanece, que é o ofício do evangelho, o ministério que é ativo enquanto o mundo existir e cujos resultados são eternos, subsistirá em glória. “É também uma palavra particularmente confortadora que ele diz, que o ministério e a pregação da lei é um ministério tal que perece; pois se esse não fosse o caso, não haveria nada diferente do que condenação. Mas este perecer acontece quando começa a pregação evangélica de Cristo; Moisés precisa ceder a este e permitir que este tenha preponderância suprema, assim que já não mais há de reinar com seu terror na consciência dos que crêem.... para que a glória de Cristo possa brilhar nos corações com sua luz suave e consoladora.”<sup>12)</sup>

O efeito dos dois ministérios: *V. 12) Tendo, pois, tal esperança, servimo-nos de muita ousadia no falar. 13) E não somos como Moisés que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia. 14) Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que em Cristo é removido. 15) Mas, até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. 16) Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado. 17) Ora o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. 18) E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.* Ainda que o apóstolo realmente não descreva a consumação da esperança cristã, mas só mostrassem o modo de sua realização, ainda assim está subentendida a final beatitude. E, por isso, continua: Tendo tal esperança, usamos de muita ousadia no falar. A esperança que os ministros do Novo Testamento possuem se estende para frente até a futura glorificação de Cristo e dos cristãos nas mansões do céu, quando os dons do evangelho que são justiça e vida serão revelados ao mundo inteiro. Por isso

---

<sup>11)</sup> Lutero, 12. 859.

<sup>12)</sup> Lutero, 12. 857.

os servos da palavra empregam muita franqueza, muita ousadia no falar. Paulo, porque teve ante si o cumprimento indiscutível das promessas infalíveis do evangelho, podia falar com toda confiança franca e sem reserva. Nada precisava ser oculto, nada suprimido, mas ele podia falar com a mais absoluta franqueza a mensagem de Cristo e sobre a plenitude de salvação que Ele contém. Assim como não hesitara em permitir que o trovão do Sinai rolasse sobre a cabeça do pecador impenitente, assim ele não reteve uma só sílaba da verdade salvadora ao pobre pecador, cuja autojustiça e vaidade haviam sido removidas por uma pregação tão franca.

Neste sentido, tanto ele como os demais mestres diferiram de Moisés, que, ainda que revestido da total autoridade oficial dum servo de Deus, ainda assim colocava um véu sobre seu rosto, tendo como razão o objetivo que os filhos de Israel não podiam olhar firmemente naquilo que se esvanecia. Isto, não só porque a visão do fulgor divino no rosto de Moisés permanecesse oculta aos filhos de Israel porque sua conduta anterior os havia tornado indignos deste favor e os tornara incapazes para suportar o esplendor deste brilho imaculado, mas porque a glória do rosto de Moisés se esvanecia, até mesmo enquanto falava com o povo. Moisés esteve cômscio desta transitoriedade do fenômeno. Compreendeu que este fato simbolizava a natureza preparatória do ministério do Antigo Testamento, sendo que sua ação esteve de acordo com a vontade de Deus. Foi negada uma posse contínua do reflexo divino aos filhos de Israel por causa de sua recusa em aceitar as palavras do profeta. Moisés foi colocado em desvantagem em sua obra e não pode expressar a notícia do evangelho do modo como agora é expresso pelos ministros do Novo Testamento.

O fato que o povo de Israel foi o culpado, e não Moisés, está expresso nas palavras que seguem: Mas suas mentes estavam cegadas; seu poder de raciocinar se tornara calejado, insensível. Era-lhes impossível alcançar uma compreensão clara dos assuntos importantes que deviam ter sabido para sua salvação. A história toda da jornada pelo deserto é um relato da misericórdia maravilhosa e paciente de Deus e da resistência obstinada dos filhos de Israel. Por isso, o endurecimento se cumpriu no começo do deserto. E isso não é tudo: Pois, até o dia de hoje permanece o mesmo véu quando lêem o Antigo Testamento, pois isto só acontece longe de Cristo. Dos judeus do seu tempo o apóstolo diz o que praticamente permaneceu inalterado até o dia de hoje: ainda há um véu sobre os corações dos filhos de Israel, o qual impede sua visão da evanescência do Antigo Testamento. Não querem reconhecer que a época anterior a Cristo foi de preparação, somente de tipo e de profecia. Recusam voltar-se ao Senhor para que recebam uma visão livre, para que reconheçam a Cristo como o Salvador do mundo. Até mesmo hoje, quando Moisés é lido em suas sinagogas, o véu está sobre seus corações. Ainda assim é verdade, e sempre deve ser lembrado em todo trabalho missionário realizado com os filhos de Abraão segundo a carne, que, quando quer que for que Israel se volte ao Senhor, o véu será removido. Se ao menos se voltassem a Cristo em verdadeira conversão e o aceitassem como o Messias prometido, e receberão a visão clara para compreender todo o Antigo Testamento na luz do Novo Testamento, ou seja, a profecia na luz do cumprimento. O apóstolo não fala de um único acontecimento, como se todos os judeus, a um só tempo, se convertessem ao verdadeiro Senhor e seu Salvador Jesus Cristo, mas fala das instâncias individuais, não importando quantas vezes elas ocorressem no tempo do Novo Testamento, Rm. 11. 26, quando Deus remove o véu dos corações de alguns dos membros da raça judaica, quando Ele renove o orgulho da falsa compreensão e da autojustiça e efetua o conhecimento correto do pecado, que é o caminho que leva a Cristo o Salvador. “E Paulo ensina, em 2 Coríntios 3, que o véu que cobriu a face de Moisés só pode ser removido pela fé em Cristo, pela qual se recebe o Espírito Santo.”<sup>13</sup>) Notamos que os escritos de Moisés e todo o Antigo Testamento aqui são referidos como uma coleção bem conhecida, como um único livro.

O que exatamente significa a remoção do véu, isto o apóstolo expõe em conclusão: Mas o Senhor, o Javé de Israel, Cristo, o Redentor da humanidade, é o Espírito. Ele é o autor da nova aliança de

---

<sup>13</sup>) Apol. IV, pág. 130. 133 (citado do Liv. Concórdia). Cf. Form. Conc. S. Decl. V, pág. 600. 10 (port.).

misericórdia e graça, Ele é aquele que é concedido por meio do evangelho juntamente com todas as suas bênçãos, com a plenitude da salvação. Onde, porém, está o Espírito do Senhor, ali há liberdade, e não há mais a escravidão da lei. Toda pessoa que recebe o chamado do evangelho está assegurada ao livre acesso a Deus, sem qualquer véu interveniente, sem o temor da condenação. O argumento do apóstolo foi formulado por um comentarista da seguinte forma: Onde está o Espírito do Senhor, há liberdade; assim como o Senhor é o Espírito, todo aquele que se converte ao Senhor tem o Espírito; por isso tal pessoa precisa estar livre, e já não mais será impedida pelo véu que cobre e detém a ação da alma. Este é o efeito que precisa acontecer no caso dos judeus e de todos aqueles que, semelhante a eles, têm suas mentes cegadas em relação à glória do evangelho.

Mas, quanto aos cristãos: Todos nós, de rostos sem véu, refletindo como num espelho a glória do Senhor, para esta mesma glória somos mudados numa glória para outra, como do Senhor, do Espírito. O véu de Moisés e dos filhos de Israel já não pende mais diante da face dos cristãos do Novo Testamento, mas foi removido pela misericórdia de Deus. E não só isto, mas eles também refletem, como num espelho e por isso de modo um tanto imperfeito, entretanto não de modo menos certo, a glória do Senhor Jesus Cristo; em toda sua vida há evidências de seu poder e brilho. Deste modo são transformados em Sua imagem, não num momento, mas por estágios graduais, ocupando o processo da santificação a vinda inteira. Os cristãos estão renovados, conforme a imagem de Deus e de Cristo, seu Salvador, no conhecimento e também na justiça e na santidade. 1.Jo. 3. 2; Cl. 3. 10; Ef. 4. 24. A obra do Espírito continuará deste modo sem interrupção até que a perfeição que há no reino da graça se torna a perfeição do reino da glória, Rm. 8. 29, “que o Espírito Santo ilumina, purifica, fortalece nossos corações, que Ele opera nova luz e vida em nossos corações, e a verdadeira perfeição evangélica e cristã é que diariamente crescamos na fé, no temor de Deus, em fiel zelo em nossa vocação e ofício que nos foi confiado”<sup>14</sup>)

**Resumo:** Paulo afirma que os coríntios são sua carta de recomendação, refere-se à sua suficiência no ofício pastoral de Deus, elogia sua glória, e descreve os seus efeitos.

## Capítulo 4

### A

Mensagem evangélica Da Luz E Da Vida. 2. Co. 4. 1-18.

Paulo usa de franqueza ao emitir sua mensagem: *V. 1) Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; 2) pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. 3) Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, 4) nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. 5) Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus. 6) Porque Deus que disse: De trevas resplandeça a luz -, ele mesmo resplendeu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.* Foi privilégio de Paulo ser um ministro deste ofício que acabou de elogiar tanto: Por isso, tendo este ministério, assim como temos recebido misericórdia, não nos tornamos tímidos. Foi um ato da misericórdia de Deus, que ele não mereceu, que o tornou um ministro do evangelho, Ef. 3. 8. Recebera este ministério, não por qualquer motivo sobre o qual ele se pudesse envaidecer, mas como um dom gracioso de Deus. Este fato o manteve em meio às dificuldades e provações de suas obrigações oficiais e guardou-o dum desencorajamento final e definitivo. Um heroísmo humilde

<sup>14</sup>) Apol. Conc. Trigl., 428 (do alemão). Obs. do tradutor: Cf. Livro Concórdia, Apol. XXVII, pág. 293, 27.

tem a diretriz do caráter de Paulo; sua posição tão nobre não o encheu de vaidade. A misericórdia e a graça de Deus, cujo poder se aperfeiçoa na fraqueza, foi a fonte inexaurível de sua força e coragem.

Paulo, porém, não somente tem um remédio correto contra o desencorajamento e o desânimo, mas também contra os males que enxergava no caso dos falsos mestres: Nós, porém, renunciamos, repudiamos, as coisas ocultas da vergonha. Quer que em todo seu trabalho se destaque a imparcialidade, a candura e a franqueza. Pois, se o trabalho dum pastor não estiver sempre de acordo com este padrão, ele certamente será identificado com coisas ocultas, com assuntos que temem a luz do sol, e que, por isso, produzem ou trazem desonra sobre ele e sobre seu ofício. Este comportamento, quase sempre e invariavelmente, está associado com aqueles falsos mestres que tentam irromper em congregações organizadas e roubar os corações dos membros. E com referência a estas mesmas pessoas escreve Paulo: Não andando em astúcia e nem operando fraudulentamente a palavra de Deus. Ele não esteve envolvido em, e nem se ocupava com, intrigas e esquemas pelas quais as pessoas sem consciência buscam abrir caminho para si e conseguir influência; não tenta insinuar-se por meio de falsa ambição em posições influentes. Nem adulterou a palavra de Deus visando estes fins, pregando de modo para obter favor junto ao povo, em vez de proclamar a lei em toda sua severidade e o evangelho em toda sua beleza, 2. Tm. 4. 3. Antes se recomendou pela manifestação da verdade, literalmente, a todas as consciências das pessoas à vista de Deus, a todas as possíveis variedades de consciências humanas. Expressou claramente as verdades do evangelho em todos os seus ensinamentos públicos e privados, de forma que ninguém podia ter dúvidas quanto ao caminho da salvação. A toda variedade de consciências humanas ele, assim, se recomendou; elas precisam reconhecer sua sinceridade, precisam dar-lhe este testemunho, que seus motivos estiveram acima de qualquer repreensão, que seu ensino se enquadrava nas idéias mais elevadas da verdade e do dever. Soube também que sua obra toda estava sendo feita à vista de Deus, que Deus estava sempre presente para o ouvir. As pessoas reconheceram a verdade e a honestidade de sua pregação, e ele teve uma consciência limpa perante Deus.

Paulo, tendo estabelecido este fato, mais uma vez pode referir-se às suas palavras no cap. 1. 15, 16 e cap. 12-18, dizendo: Mas, mesmo que o nosso evangelho está encoberto, está encoberto naqueles que estão se perdendo. O evangelho, quanto a si é tudo menos trevas e obscuridão, cap.3. 13; ele é uma luz que brilha nos lugares escuros deste mundo, com o objetivo de ilustrar os corações de todas as pessoas. Mas a oposição das pessoas, sua recusa em aceitar sua singela afirmação de graça, coloca o véu da proposital ignorância ante a luminosa beleza do evangelho, impedindo desta forma que seus claros raios penetrem em seus corações. Desta forma é o castigo de sua própria culpa que elas se perdem, 1. Co. 1. 18; e que já estão julgadas, Jo. 3. 18. “Mas é preciso que assim seja, a palavra de Deus precisa ser a coisa mais especial no céu e na terra. Por isso ela precisa fazer as duas coisas ao mesmo tempo, ou seja, iluminar e honrar no sentido mais elevado aqueles que a crêem e honram, e cegar e desgraçar no sentido mais elevado aqueles que não a crêem. Aos primeiros ela precisa ser a coisa mais certa e conhecida que conhecem; aos últimos precisa ser o que menos conhecem e que lhes está mais oculto. Os primeiros a enaltecem e elogiam no mais alto grau; os últimos a blasfemam e desonram no mais alto grau, de modo que aquilo que opera precisa estar em pleno vigor e não é indiferente, mas operar coisas especiais e terríveis nos corações das pessoas.”<sup>15)</sup>

A causa para que isto aconteça evidentemente não está no evangelho, mas na pessoa, por causa das maquinações do diabo: Em quem o deus deste mundo, da época atual, cegou as mentes dos que não crêem. Satanás é o deus, o príncipe, da presente era, cap. 2. 11; Jo. 12. 31; 14. 30. Ele tem sua atuação nos filhos da incredulidade, Ef. 2. 2; 5. 6; 1. Jo. 3. 10; os quais lhe dedicam voluntária obediência. Ele, porém, por sua vez, como um salário que bem lhes serve, cegou as mentes dos

---

<sup>15)</sup> Lutero, 19. 1735, 16.

incrédulos. Porque foram culpados da rejeição da verdade, o cegar podia progredir em seus corações, podia ser juízo sobre eles. Quanto aos cristãos, Satanás não pode operar esta cegueira em seus corações, ou seja, nos corações dos estão sendo salvos, porque a estes o evangelho não está encoberto. E o propósito do diabo cegando os corações dos incrédulos é: Para que a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus, não pudesse brilhar, não pudesse raiar sobre eles, ou para que não o vissem claramente, e ante eles ficasse encoberto. A soma total, o conteúdo, do evangelho é o brilho da glória de Deus em Cristo Jesus, ou seja, a gloriosa revelação de Jesus como sendo o Salvador do mundo. Mas o desígnio de Satanás é realizado com tanto sucesso nos filhos da incredulidade que esta glória de Cristo, o qual também é, segundo a Sua obra, a perfeita imagem de Deus, não é visto por eles e não penetra em sua inteligência.

Para justificar a denominação que o evangelho que pregou é a proclamação da glória divina, o apóstolo escreve agora: Pois não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus o Senhor, e a nós como vossos servos por causa de Jesus. Se Paulo tivesse pregado a si mesmo, ou seja, a sua própria sabedoria, se tivesse estado a procurar honra e glória para si mesmo, então teria sido vil presunção da sua parte condenar aos que se recusaram aceitar seu ensino, como sendo gente que estava no caminho da perdição. Mas sua única idéia, seu único objetivo, foi apresentar aos seus ouvintes Cristo Jesus como o Senhor, a quem deviam obediência de fé porque Ele os resgatara. E longe de reivindicar qualquer autoridade, poder ou domínio sobre eles, afirmou, por outro, que se considerava a si e aos companheiros de ensino como os servos das congregações, não como escravos incondicionais forçados a fazer a vontade deles assim como eles a ditavam, mas como servos por amor a Cristo, como ministros de Cristo, como mordomos dos mistérios de Deus. Neste sentido cada verdadeiro pregador do Senhor Jesus Cristo também é um servo da congregação que lhe foi confiada, quando se torna tudo para com todas as pessoas a fim de ganhar almas para Cristo, 1. Co. 9. 19.

Há, contudo, ainda outro motivo que leva Paulo a ser tão destemido e franco em seu ministério: Pois foi Deus, quem disse: Das trevas resplandeça a luz, que brilhou em nossos corações para o esclarecimento do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo. Foi no princípio do mundo que o poder criativo da palavra de Deus fez com que a luz brilhasse das trevas, Gn. 1. 3. E o mesmo Deus que assim criou a luz física é o autor da verdadeira luz espiritual. Como observa Lutero, não foi meramente assim que ele soprou uma fagulha moribunda em chamas, mas fez aparecer luz das trevas. Tal como por natureza em todos as pessoas, havia trevas no coração de Paulo, trevas espirituais e morte. Mas em sua conversão Deus criou vida espiritual e luz em seu coração. E este reflexo da glória de Deus é empregado agora para iluminar a outros. Deus deu aos pregadores do evangelho a habilidade de darem aos outros a luz do conhecimento de Deus por meio de Cristo, ou seja, assim como manifestado em Cristo. Nota: Esta função das pessoas convertidas não se restringe aos pastores, mas cada cristão, tendo experimentado o poder iluminador de Deus em seu próprio coração, irá, por sua vez, atuar como um farol a fim de conduzir outros para conhecerem Cristo como seu Senhor e serem salvos. Marquemos também o contraste em toda esta passagem: O deus deste mundo, o diabo, cega; o ministério do evangelho opera a luz. Sem o evangelho e seu poder iluminador o coração da pessoa humana permanecerá para sempre em trevas espirituais; mas quando este poder remove as trevas, então há plenitude de luz e glória.

A fraqueza física de Paulo: *V. 7) Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. 8) Em tudo somos atribulados, porém, não angustiados; perplexos, porém não desanimados; 9) perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; 10) levando sempre no corpo o morrer de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. 11) Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. 12) De modo que em nós opera a morte; mas em vós, a vida.* Aqui, mais uma vez, está presente a profunda humildade de Paulo, visto que ele diz que o ministério glorioso, com o qual está

investido, foi confiado a vasos fracos e mortais. A luz do conhecimento da glória de Deus é suportada pelos ministros em vasos de barro, como o apóstolo chama seus corpos, vasos feitos de argila, comuns e frágeis. A descrição se presta para o corpo humano em geral, e em particular ao do apóstolo, assim como sua humildade o impele a escrever. Pode parecer estranho que um tesouro tão grande esteja guardado para ser distribuído em vaso tão fraco e perecível, como o é o corpo humano, mas o fato mostra o princípio do propósito divino: Para que a sobreexcelência do poder ( que é ostentado na atuação do evangelho) seja de Deus e não como de nós mesmos. “Nossas mãos e línguas são realmente coisas perecíveis e mortais, mas o Filho de Deus deseja exibir Seu poder por meio destes vasos perecíveis e de barro.”<sup>16)</sup> O próprio fato da fraqueza e da insignificância dos vasos humanos desta proclamação misericordiosa de Deus faz, por isso, que por contraste Sua própria glória se destaque de modo tanto mais proeminente. “Não a excelência do vaso, mas o grande valor do tesouro; não a pessoa do pregador, mas o nome que a pregação proclama; não a força e habilidade natural do homem, mas a graça de Deus e a palavra poderosa de Deus: vede aqui o poder superabundante a triunfar sobre a substância deste mundo, que ecoa dos pregadores do evangelho e os eleva acima dos sofrimentos de seu chamado.”<sup>17)</sup>

Agora são descritos pelo apóstolo, em seu modo usual e eficaz, estes sofrimentos com que os sevos do Senhor são obrigados a lutar: De todos os lados sob grande pressão, mas não encurralados; tornados perplexos, mas completamente desesperados; perseguidos, mas não deixados para trás; derrubados, mas não destruídos. Paulo tem provavelmente mais uma vez os jogos ístmicos em mente nestas figuras, tal como em 1.Co. 9. 24-27. Ele e seus cooperadores, bem como todos os cristãos, são, por causa disso, semelhantes a lutadores. Seus opositores podem de todos os lados apertar com eles e tentar conseguir um golpe fatal (obs. do trad.: no inglês está escrito ‘death-grip’), porém, jamais têm o sucesso para alcançar o golpe fatal; em certas vezes podem ficar desnorteados pela astúcia apresentada pelos adversários, mas não entregam a luta, e não são vencidos. São semelhantes a corredores numa competição, já com o alvo quase diante dos olhos, aos quais os adversários tentam ultrapassar e deixar para trás; conseguem, porém, depois de tudo, chegar primeiro. São semelhantes a boxeadores a quem os adversários, às vezes, podem golpear ao chão, mas que, ainda assim, se erguem numa coragem destemida para retomar a luta e tornar-se vencedores. Os ministros do evangelho experimentam tudo isto em rica medida, e todos os cristãos fiéis igualmente são participantes de dificuldades semelhantes. O conflito prossegue em tribulações, em perplexidades, em perseguições, em perdas e provações de toda espécie; o revés parece iminente em milhares de circunstâncias, mas o fim sempre é a vitória do evangelho e dos seus adeptos.

E agora o apóstolo chega ao auge de sua explosão de eloquência: Carregando em todos os lugares em nosso corpo a morte de Jesus, para que a vida de Cristo também possa ser manifestada em vossos corpos. Pois nós os que vivemos sempre somos entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus pudesse ser manifestada em nossa carne mortal. Os mensageiros do Senhor, porque pregaram o evangelho, porque distribuíram o tesouro do evangelho, sempre estiveram sujeitos aos sofrimentos que Cristo também suportou, pois o discípulo não está acima de seu Mestre. Ser diariamente, freqüentemente, entregue à morte por Sua causa, 1. Co. 15. 31, ser morto ao longo do dia todo, Rm. 8. 36, este é o privilégio dos homens que devotaram sua vida ao Senhor e à Sua obra. Pois, tão somente por meio desta total negação de si mesmo no serviço do Senhor faz com que seja possível que a verdadeira vida de Cristo, com a plenitude de sua força, se manifeste nos ministros de Cristo, Fp. 3. 10; Cl. 1. 24. Sua carne pode ser mortal, sujeita à morte e à corrupção, mas em seu espírito vive o poder imortal e onipotente do Soberano do Reino do Poder, do Rei da graça, e por isso podem avançar, sem qualquer pensamento egoísta, de força em força, pregando o evangelho, construindo o reino, buscando somente a glória de Deus. E o resultado é, no que diz respeito aos seus ouvintes: Assim que a morte opera, age, em nós, mas em vós, a vida. A morte atuava no

---

<sup>16)</sup> Lutero, 6. 144.

<sup>17)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 9. 144.

apóstolo, porque sempre esteve exposto à morte e desejava nada mais do que isto. Esta foi uma circunstância necessária de seu trabalho pelo Senhor, sendo que ele esperava nada mais do que isto. Isto o satisfaz, ainda mais, porque, incidentalmente, como efeito de sua pregação, a vida, vida espiritual verdadeira, esteve ativa neles por meio de seu ministério. Foi a vida do Cristo vivo, que teve seu começo aqui na terra, e que seria plenamente realizada no reino da glória. Este é o exemplo do sacrifício de Paulo por seu Senhor.

Como o apóstolo superou quaisquer desvantagens: *V. 13) Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri, por isso é que falei, também nós cremos, por isso também falamos, 14) sabendo que aquele que ressuscitou ao Senhor Jesus, também nos ressuscitará com Jesus, e nos apresentará convosco. 15) Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graça por meio de muitos, para glória de Deus. 16) Por isso não desanimamos: pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia. 17) Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, 18) não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.* A menção da vida em e com Cristo eleva o apóstolo às próprias alturas duma declaração exultante: Mas porque temos o mesmo espírito da fé (como o salmista), de acordo com o que está escrito: Cri, por isso também falei, também nós cremos, e por isso também falamos. O apóstolo cita o Sl. 116. 10, onde está expressa a alegria pascal dos crentes do Antigo Testamento, declarando que o mesmo espírito de fé alegre e confiante também vivia nele. Sua fé, fundamentada de modo tão sólido, e sendo tão certa em sua esperança, não se podia conservar calada, mas precisou irromper numa confissão da boca. Como o expressa certo comentarista: Tão logo que a fé existe começa ela a falar aos outros, e, enquanto fala, reconhece sua validade e cresce em poder. Exatamente assim como o salmista esteve rodeado por inimigos, também Paulo esteve no meio de perigos. Em ambos os casos, porém, a fé não se calou. Ao verdadeiro cristão é impossível calar-se sobre as coisas maravilhosas que viu e ouviu, At. 4. 29. E a fé não é uma esperança incerta, que se baseia somente no sentimento, mas sobre o conhecimento fundamentado na palavra de Deus: Sabendo que Aquele que ressuscitou ao Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus, e nos apresentará juntamente com vós. Tal como Paulo mostrara amplamente no cap. 15 de sua primeira carta aos cristãos de Corinto, assim ele o repete aqui brevemente: A ressurreição de Cristo é uma garantia de nossa ressurreição; é a nossa certeza que nós participaremos na vida do Senhor ressuscitado. Assim como Deus ressuscitou a Jesus, nosso Senhor, assim ele, no último dia, também ressuscitará a nós, para que nos tornemos participantes de Sua ressurreição, e todos os cristãos serão apresentados juntos perante o trono do Pai e do Cordeiro. Todos estes fatos gloriosos estão contidos na mensagem da qual Paulo é portador, ainda que se considera um vaso fraco e indigno. Nota: A esperança e a fé dos cristãos do Antigo e do Novo Testamento se baseia sobre o mesmo fundamento, a Palavra das promessas de Deus, exigindo a mesma confissão de fé, e olhando para a mesma glória.

Todas estas glórias, contudo, são proclamadas por Paulo, como ele declara: Pois todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, sendo tornada abundante, através do maior número de vós, possa fazer que o agradecimento abunde para a glória de Deus. O apóstolo teve em todo o seu trabalho em mente a bênção e o benefício de seus leitores, ou seja, dos cristãos em cujo interesse operava. Tudo foi feito por amor a eles. Mas o fim e o alvo que tivera em mente como sendo o fim último foi que a graça que fora multiplicada em favor dele, e que lhe dera força e perseverança tão maravilhosa, pela força das muitas orações deles fosse resultar no agradecimento mais abundante para a glória de Deus. Quando maior for o número daqueles que participam das bênçãos dos dons de Deus e oferecem a Ele o agradecimento de seus lábios e de suas mãos, tanto mais enfaticamente se ressaltaria a glória do Senhor perante o mundo inteiro e para além do fim do mundo, ou seja, para a eternidade. Neste sentido “a gratidão das multidões que foram convertidas possam conservar a paz com as bênçãos que receberam, e abundar, tal como estas bênçãos abundaram.”

Agora

Paulo se volta para o pensamento do v. 1. Porque é sustentado por esta esperança gloriosa, não dá lugar ao desânimo, ou seja, não desiste: Antes mesmo que nosso homem exterior se esteje corrompendo, ainda assim nosso homem interior se renova dia a dia. O contraste não acontece entre carne e espírito, mas entre a gradual corrupção do organismo corporal e o crescimento correspondente do eu espiritual. O homem oculto do coração, 1.Pe. 3. 4, recebe dia a dia alimento e vigor da Palavra de Deus, e desta forma cresce continuamente. Ao mesmo tempo o corpo mortal, o vaso de argila, avança constantemente em direção da morta física, sendo que o alvorecer de cada novo dia significa um dia a menos até o fim inevitável, visto que a decomposição final sempre é só uma questão de tempo. Mas, tendo em vista que a ênfase da sentença do apóstolo está na segunda parte de sua afirmação, este pensamento não lhe causa qualquer desconforto. Ao contrário, sua atitude é a de cada verdadeiro cristão que considera todo seu viver só como uma preparação para a vida eterna que há de vir.

Por isso escreve ele no mesmo tom de exultação: Pois o nosso atual momentâneo e leve peso de tribulação produz para nós, dum excesso ao outro, um eterno peso imenso de glória. Todos os contratempos que sobrevêm a nós cristãos se prendem a nós somente neste tempo presente, ao longo do período desta vida fugaz, na pior das hipóteses, por um momento quando comparado com a vindoura vida eterna. Falando de modo comparativo, isto é leve, fácil para ser carregado. Vem, porém, o tempo, e isto está próximo, quando a glória eterna revelará para nós, e isto é tão maravilhoso, tão grande e tão amplo, tão pesado e tão infundo, que será esquecida a leve opressão da vida terrena, Rm. 8. 38. É tão grande o milagre que deve seguir a esta tribulação presente, como se produzido por ela, ainda que seja uma recompensa da graça, que Paulo não encontra palavras suficientes para expressar o pensamento que está clamando para ser expresso. Deus nos dará, de modo extraordinário, abundante, de um excesso ao outro, a glória que Ele preparou desde a fundação do mundo para aqueles que O amam.

E o efeito é que nós, junto com o apóstolo, não mais consideramos, não mais damos qualquer atenção, às coisas que são vistas, ou seja, às formas visíveis deste universo presente, mas às que não podem ser vistas, senão só na esperança, pelo olho da fé. Pois todas as coisas que podem ser vistas, que podem ser percebidos por nossos sentidos, são temporais, são feitas somente para este mundo e época atuais. Mas as coisas que não podem ser vistas, que agora nos são invisíveis, são eternas. Cf. Rm. 8. 24; Hb. 11. 1. A preocupação com as coisas transitórias e perecíveis deste mundo e por meio disso perder os verdadeiros e duradouros valores do céu atesta uma falsa avaliação de valores, visto que se perde a substância, por causa do vão esforço de capturar a sombra. Paulo, como pregador que trouxe a mensagem evangélica da luz e da vida, quis que seus leitores sempre conservassem ante seus olhos o glorioso fim e alvo de sua existência, que é a vida com Deus na plenitude da glória celeste.

**Resumo:**

O apóstolo rejeita qualquer ligação com a malícia e a adulteração da Palavra; apesar dos muitos perigos que o rondam ele proclama o evangelho do conhecimento da glória de Deus; procedendo assim, a fé seu coração é expressa na confissão de sua boca, e aguarda o resgate final e a glória eterna.

## Capítulo 5.

Aspiração De Paulo Pela Glória Futura. 2. Co. 5. 1-10.

esperança de Paulo por um corpo glorificado: *V. 1) Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. 2) E, por isso, neste tabernáculo gememos, aspirando por ser revestidos da nossa habitação celestial; 3) se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus. 4) Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. 5) Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito.* Paulo, quando comprou as aflições deste tempo presente com a glória futura, cap. 4. 17, declarou que a primeira é leve, insignificante, em comparação com a última. Por isso ele pessoalmente olha com a fé da esperança pelo cumprimento destas glórias em seu próprio corpo: Pois nós (os cristãos) sabemos que, se a nossa casa terrena do tabernáculo for dissolvida, temos uma construção de Deus, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. O apóstolo fala dos corpos dos cristãos como tendas frágeis e instáveis, que abrigam a alma por certo tempo, Is. 38. 12. Virá o tempo, e isto muito em breve, quando esta tenda, este corpo mortal, será destruída pela morte física. Ele, porém, tem a firme certeza que ela será substituída por uma edificação sólida, por uma casa verdadeira, não edificada por processos naturais de crescimento físico, mas como dom direto de Deus. A nova habitação em que espera entrar não será grosseira e temporal, mas será permanente e durará para sempre. Em vez de se encontrar neste mundo, com suas ilusões e vaidade, será nos céus, na casa de Cristo e do Pai, onde se encontrarão tão somente alegrias verdadeiras e duradouras. Nosso corpo terreno e mortal será depositado na sepultura, para ser presa de vermes, mas o corpo que receberemos das mãos de Deus, o corpo da ressurreição, participará da imortalidade do próprio Cristo.

Que este é o pensamento do apóstolo aparece claramente da próxima afirmação: Pois neste (tabernáculo) realmente gememos, desejando sinceramente para sermos revestidos com nossa habitação que é do céu. Enquanto um cristão ainda vive na carne desta vida, ele suspira e geme com a aspiração pelo tempo quando o corpo celeste, que o espera do alto, será vestido sobre a carne mortal, como se fosse, por assim dizer, uma veste que para sempre encobre sua natureza perecível. Aqui Paulo expressa o mesmo pensamento como em 1.Co. 15. 52, onde fala numa mudança, pela qual nosso presente corpo vil se tornará espiritual e imortal. No último dia, os cristãos “vestirão as vestes nobres de sua habitação celestial sobre o paletó de servo da choupana terrestre, da mesma maneira como a natureza humana de Cristo no ventre da virgem Maria se tornou a habitação da glória eterna.”<sup>18)</sup> O apóstolo, porém, acrescenta uma condição: Os cristãos vestem, durante toda sua vida terrena, Cristo e a veste de Sua justiça por meio da Palavra e dos Sacramentos, Gl. 3. 27; Rm. 13. 14. Sem esta cobertura da inocência e da justiça de Cristo aparecerá a vergonha da nudez duma pessoa, Ap. 3. 18, e não acontecerá qualquer vestir da veste da glória celeste de Cristo.

É dada pelo apóstolo a razão de nosso suspirar e gemer: Pois nós que estamos neste tabernáculo suspiramos porque estamos oprimidos, não porque queiramos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal possa ser tragado pela vida. Enquanto estamos aqui na terra, o corpo mortal com suas fraquezas e enfermidades é um peso para a alma. Mas o que Paulo desejou com o gemer não foi ser liberto deste peso por meio duma remoção de sua pesada veste por meio da morte física, mas que seu corpo mortal possa, sem passar pela morte, ser absorvido no corpo celeste que, como sabemos, o esperava. Deus não lhe revelara se iria morrer ou viver até o grande dia da final revelação da glória de Deus. Também esteve totalmente disposto de pela vontade de Deus ser fiel no assunto; sendo ainda assim sua grande vontade não passar pela morte, mas participar na mudança maravilhosa do último dia, pela qual seu corpo mortal seria mudado diretamente no corpo espiritual e celeste. Desta forma seu corpo mortal seria engolido pela vida da eternidade. Mas, fosse qual fosse o modo pelo qual entrasse no estado da imortalidade no céu, Paulo teve certeza duma coisa: Ora, Deus é Aquele que nos aperfeiçoou, que nos preparou completamente para esta coisa, que nos

<sup>18)</sup> Besser, *Biibelstunden*, 9. 175.

deu a fiança do Espírito. Os cristãos estão preparados para este fim, que é o objetivo para o qual Deus os destinou por meio da obra que ele lhes concedeu: deviam ser guardados para a vida eterna, devendo eles gozar a benção do céu. Temos deste fato uma garantia na forma do Espírito Santo, que nos foi dado nos meios da graça e que operou esta certeza em nossos corações. É Ele quem nos torna certos e que nos guarda nesta certeza de nossa herança do céu. Tão certo como o Espírito que está em nossos corações não pode mentir, tão certo nosso desejo pela vida eterna e pela gloriosa liberdade dos filhos de Deus será satisfeita no tempo fixado por Deus.

Confiança na aceitação de Cristo: *V. 6) Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor; 7) visto que andamos por fé, e não pelo que vemos. 8) Entretanto estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor. 9) É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para lhe ser agradáveis. 10) porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.* Aqui está expressa a confiança dos cristãos nos termos mais definidos: Visto que, por isso, estamos sempre com boa coragem e sabemos que, enquanto em nossa casa do corpo, estamos ausentes de nosso lar no Senhor. Porque Paulo e todos os cristãos têm o penhor do Espírito, sentem sempre Sua presença animadora em seus corações pela palavra, sempre estão em consolação certa. E isto é verdade, mesmo que saibam que enquanto estão em casa neste corpo, estão ausentes do lar verdadeiro e permanente no Senhor. Temos neste mundo, tão somente, uma residência breve e temporária que, por enquanto, chamamos de lar; há, porém, uma aspiração pelo lar, uma saudade pelo céu, que sempre caracteriza os cristãos. Isto também está expresso na sentença parentética: Pois andamos por fé, não por aparência. A fé é a esfera em que temos nossa existência aqui sobre a terra, que é o estado em que sempre nos encontramos; mas quando vem o cumprimento, veremos e contemplaremos face à face o que aqui esperávamos e em que criamos. Agora estamos ausentes do Senhor, distantes do lar; então estaremos em casa, lá onde desde a nossa conversão somos cidadãos, Fp. 3. 20.

Mas

assim como os cristãos, que são os possuidores do penhor do Espírito, têm sempre em destaque em seus corações o sentimento de coragem e certeza, assim este sentimento se destaca especialmente e em toda sua força quando chega o tempo de seu retorno ao lar: Temos bom ânimo e boa disposição para deixar nossa casa no corpo e estar em casa com o Senhor. Vivemos, como peregrinos e estrangeiros, nesta tenda frágil de nosso corpo mortal e andamos de lugar a lugar, não tendo aqui cidade permanente. Por isso o prospecto da morte, longe de nos encher de medo e desânimo, antes devia inspirar em nossos corações nova esperança, confiança e coragem, visto que sabemos que, apesar de seu aspecto ameaçador, só nos abre as portas ao lar de nosso Pai. Somos, por isso, sempre de bom ânimo, sabendo que o Senhor nos aceitará como os Seus e que Sua graça, que já aqui nos veste com as vestes de salvação, no lar glorioso lá de cima nos revestirá com as vestes de Sua glória. Estaremos em casa com o Senhor, em cuja presença há plenitude de alegria, e á cuja mão direita há delícias perpétuas, Sl. 16. 11.

O

apóstolo, contudo, tendo à sua frente um alvo como este, conserva seu coração e sua mente fixos sobre o verdadeiro lar lá no alto: Por esse motivo também nós fazemos nosso alvo que, estejamos em casa ou ausentes de casa, Lhe sejamos agradáveis. Este estado de espírito é necessário quando desejamos que nossas esperanças e nossas ambições se cumpram; isto significa desenvolver nossa salvação com temor e tremor, com uma singeleza de coração que não pode ser desviada de seu objetivo. Pois, seja que o Senhor, quando vier, nos ache no corpo, ou ainda vivendo na tenda desta carne mortal, ou seja que nos encontre fora do corpo, tendo a morte separado a alma de sua frágil habitação, uma coisa é certa, a saber, que no tempo presente nos empenhemos para viver de tal modo como Lhe agrada. E nisso somos impelidos para frente por meio do pensamento sobre o juízo final: Pois todos devemos ser manifestos perante o trono do juízo de Cristo, para que cada um receba as coisas feitas pelo corpo, conforme o que fez, seja bom ou mau. Cristo está por vir para

julgar a todos, os vivos e os mortos; todos eles precisam comparecer diante Dele. Serão revelados ao mundo, a todas as pessoas, bem como a eles próprios, seu caráter, até mesmo seus pensamentos secretos, exatamente como sempre foram conhecidos ao próprio Juiz. E quando a sentença é pronunciada, cada um receberá o salário de suas obras que fez no corpo, enquanto esteve no mundo. Notamos que o poder do julgamento, ainda que, via de regra, atribuído ao Pai, contra quem são direcionados todos os pecados, Sl. 61. 13; Jr. 17. 10, é aqui, como em João 5. 22; Mt. 25. 31-46, e alhures, atribuído ao Filho, o que é um fato que coloca Sua divindade acima de qualquer dúvida. O juízo é inevitável, e será eminentemente justo e, todos os sentidos. Aqueles que deram provas de sua incredulidade, praticando atos maus e perversos, serão recompensados na mesma espécie, recebendo uma punição em proporção aos seus atos perversos. E aqueles que praticaram o bem, que assim deram evidência da fê de seus corações, receberão uma recompensa graciosa das mãos do Juiz, que os tornará participantes da glória celeste. Desta forma o pensamento do juízo futuro é uma das razões que incitam e estimulam o cristão a uma vida de santificação.

Paulo

Um Embaixador De Cristo. 2.Co. 5. 11-21.

O amor de Cristo seu motivo preponderante: *V. 11) E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens, e somos cabalmente conhecidos por Deus; e espero que também a vossa consciência nos reconheça. 12) Não nos recomendamos novamente a vós outros; pelo contrário, damo-vos ensejo de vos gloriardes por nossa causa, para que tenhais o que responder aos que se gloriam na aparência e não no coração. 13) porque, se enlouquecemos, é para Deus; e, se conservamos o juízo, é para vós outros. 14) Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos, logo todos morreram. 15) E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.* O apóstolo, antes de tudo, repete sua afirmação quanto a sinceridade de seu propósito em seu ministério: Agora, depois que conhecemos o temor do Senhor, persuadimos as pessoas. Este não é um temor escravo, mas a verdadeira reverência dum servo que, ao mesmo tempo, é um caro filho do Senhor. Pois o medo da ira do juiz já não mais atormenta os corações daqueles que foram resgatados da ira vindoura, mas a lembrança do tribunal desperta um reverente espanto do Deus santo e glorioso, e faz com que todos os verdadeiros ministros sejam alerta e vigilantes em suas atividades. É neste sentido que eles persuadem as pessoas quanto à sua sinceridade, como o fez Paulo; demonstram sua disposição para com eles. Mas fomos tornados manifestos a Deus, diz o apóstolo; Deus conhece os motivos que o governam em seu ministério. E ele também espera e confia que foi tornado manifesto nas consciências dos cristãos de Corinto, os quais, certamente, tiveram suficiente oportunidade para avaliar a demonstração de sua sinceridade, visto que entre eles dera tantas provas do espírito que nele vivia.

Mas o apóstolo, quando apela deste modo ao testemunho deles, novamente deseja que seja compreendido que ele não busca sua própria glória: Pois não recomendamos-nos novamente a vós, mas como quem vos dá ocasião de gloriar-se por nossa causa. Paulo não esteve preocupado quanto a sua própria glória e honra, visto que isto esteve nas mãos do Senhor, ante quem tudo estava evidente. Não buscou qualquer recomendação da parte deles, mas, incidentalmente, sua lembrança dos fatos de seu ministério bem poderia servir-lhes como lembrete, dando-lhes ocasião, motivo, para se orgulhar por causa de Paulo, que tivessem algo para se gloriar contra aqueles que se gloriam na aparência exterior e não no coração. Aqui Paulo tem em mente seus oponentes em Corinto que dependiam totalmente sobre a impressão exterior, enquanto seu coração carecia de singela sinceridade que caracterizava o trabalho do apóstolo. Aquelas pessoas podiam gloriar-se de revelações especiais, ou de eloquência, ou de cartas de recomendação, ou dum nascimento judeu. Mas o orgulho de Paulo foi a fidelidade de seu trabalho como mensageiro de Jesus Cristo.

Agora ele enfatiza este fato mais uma vez: Pois se estamos fora de nós, é para Deus; ou se sou sóbrio, é para vós. O zelo de Paulo por seu Mestre, às vezes, o levou a tais alturas de entusiasmo que algumas pessoas podiam ter pensado que estivesse louco, como o fez Festo. Mas ele afirma solenemente que nestes estados de espírito de mais alta devoção ele ainda serve a Deus, que o ardor de seu espírito não é o entusiasmo dum fanático. Além disso, algumas pessoas podem ter pensado que ele fosse completamente duro e sóbrio demais em alguns de seus atos; não captaram o efeito duma retórica proposital. Paulo, porém, afirma que também este comportamento ocorreu para o favor deles, que neste sentido ele também estava agindo como um verdadeiro pastor, que sempre deseja o bem-estar de todos os seus paroquianos. Paulo executou o trabalho de seu chamado com seu coração erguido para Deus, mas também unido em amor com seu próximo, sendo mal-compreendido por muitos daqueles que careciam de verdadeira compreensão espiritual, mas estando, ainda assim, feliz na convicção que sua obra recebia reconhecimento pelos verdadeiros filhos do Senhor.

Contudo, o maior estímulo do apóstolo foi o amor de Cristo: Pois o amor de Cristo nos incita, visto que concluímos isto, que Um morreu por todos, por isso todos morreram. Esta foi a razão maior da sinceridade de seu serviço, a saber, o exemplo de seu Senhor e Salvador. Este amor de Cristo, tão abundantemente demonstrado, tão incessantemente ativo, incitava ao apóstolo para usar de toda a fidelidade em seu ministério, para considerar nada como sacrifício quando feito em Seu serviço. É poderoso o argumento de Paulo, buscado do amor de Cristo, em sua aplicação ao trabalho do ministério. Cristo morreu como o substituto de todas as pessoas; por isso todas as pessoas morreram em Sua morte; Sua morte foi realmente a punição de todos os pecadores, a expiação da culpa destes. Sendo isto verdadeiro, então a segunda proposição também subsiste: E Ele morreu por todos, para que os vivos não mais vivam para si mesmos, mas para Aquele que em favor deles morreu e novamente ressuscitou. Desta forma os propósitos da expiação, que aconteceu em favor de todas as pessoas, não são realizados ou cumpridos completamente sem a resposta da fé e da obediência da pessoa. Todas as pessoas que ouvem o evangelho, ouvindo que Cristo morreu em seu lugar, pela sua salvação, deviam, por isso, ser movidos a dedicar suas vidas, não a quaisquer atividades egoístas, mas ao serviço Daquele cuja morte e ressurreição lhes alcançou a vida eterna. Este é o pelo mais forte que pode ser feito a um cristão que aprendeu a conhecer seu Salvador, e que devia ser considerado por todos com alegre entusiasmo. Este foi o impulso que constrangeu Paulo em sua obra e que sempre devia servir como exemplo.

O ministério da reconciliação: *V. 16) Assim que nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos a Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo. 17) E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. 18) Ora, tudo provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação, 19) a saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. 20) De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. 21) Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.* Paulo penetrou tão completamente no espírito da obra vicária de Cristo que deseja aplicar suas exigências práticas a todas as circunstâncias da vida: Assim que nós, de agora em diante, a ninguém conhecemos conforme a carne. Porque em sua conversão recebeu a convicção que os cristãos deviam viver para ninguém outro do que para Cristo, e porque em seu ministério o amor de Cristo é o único estímulo impulsionador, por isso ele não permite que quaisquer considerações carnis influenciem seu juízo e seu trato para com os outros. Não lhe faz qualquer diferença se seu próximo ou qualquer outra pessoa é de nobre nascimento, de posição influente, socialmente proeminente, rica, de modos impressionantes no lidar com as pessoas – tudo isto não lhe tem qualquer influência. De modo algum tem quaisquer motivos egoístas; não busca o que é seu. “Conhecer alguém conforme a carne é conhecê-lo só até onde a carne é capaz. Mas a

carne já não é capaz de nada mais do que cada um buscar o que é seu. Ela odeia, é invejosa, retribui ao inimigo onde pode todo o mal; mas, para o seu próprio benefício, busca o desejo, o favor, a amizade em cada um para o seu próprio benefício.”<sup>19</sup>) Paulo deixou para trás de si as considerações carnis. E mais: Mesmo que tenhamos chegado a conhecer Cristo segundo a carne, agora já não mais o conhecemos assim. Houve um tempo, quando Paulo também considerava o prometido Messias segundo este modo carnal, quando Nele pensava unicamente como um príncipe e redentor terreno do domínio dos romanos. Agora, porém, chegara a um conhecimento melhor de Cristo, tanto de Sua pessoa como de Seu ofício. O Cristo crucificado já não lhe foi mais uma ofensa, como acontecera antes de sua conversão, mas reconheceu Nele o fundamento de sua salvação.

Para ele e para todos os cristãos o efeito deste conhecimento é: Assim que, se alguma pessoa está em Cristo, então ela é uma nova criatura. Este é o efeito da visão correta de Cristo: Qualquer pessoa, todas as pessoas, não importando quantas sejam, que receberam Cristo pela fé e que, por isso, foram plantadas Nele, são novas criaturas, novas criações. Conversão é uma nova criação, uma regeneração; na conversão são mudados completamente o coração e a mente; pessoas convertidas são feitura de Deus, criadas em Cristo Jesus, Ef. 2. 10. O conhecimento de Cristo pela fé, não importando que ainda seja muito imperfeito, opera este milagre: As coisas velhas se sumiram; vede, elas se tornaram novas. A mentalidade carnal velha do velho Adão se sumiu, mesmo que ainda seja necessário eliminá-lo por meio de diária contrição e arrependimento. Desta forma cada cristão é um milagre aos seus próprios olhos: está finda a criação do novo homem, e ele cresce dia após dia em vigor e força, Ef. 4. 23, 24. Tudo isto é realizado pela palavra da graça e pelo ministério do evangelho.

Mas o próprio Senhor é origem última de todas as bênçãos: Mas todas as coisas (provém) de Deus, que nos reconciliou Consigo mesmo, e nos deu o ministério da reconciliação. Deus é o criador de todas as coisas maravilhosas que são concedidas à pessoa em sua conversão. Ele opera no coração da pessoa a criação espiritual por meio dum ato duplo. Primeiro, Ele reconciliou consigo toda a humanidade por meio de Cristo. Foi o próprio Deus quem planejou a salvação, ou seja, a expiação pela humanidade por meio do sacrifício de Cristo. Por sua própria culpa, todas as pessoas foram Seus inimigos e nada quiseram com Ele. Mas, visto que Sua justiça e santidade os devia, por isso, ter condenado ao castigo eterno, Ele encontrou este meio pelo qual a inimizade podia ser removida e serem estabelecidas as relações de amizade, que Ele planejou no princípio. Esta reconciliação foi realizada por Cristo para todas as pessoas, por meio de sua obra vicária; isto é um fato histórico. E agora entra em consideração o segundo ato da misericórdia de Deus, a saber, que Ele deu aos apóstolos e aos seus cooperadores, aos ministros do evangelho de todos os tempos, o ministério da reconciliação. Confiou-lhes o ofício de proclamar o fato da reconciliação a todas as pessoas, ou seja, o fato que Deus realmente está reconciliado com todas as pessoas por meio de Cristo. A tarefa do ministério do evangelho é, por isso, só uma, a saber, tornar conhecida a já existente reconciliação e desta forma exortar as pessoas a crer em Cristo.

O apóstolo explica esta afirmação, dando, assim, o conteúdo de toda pregação evangélica: Que Deus estava reconciliando em Cristo consigo um mundo; estava removendo a inimizade que separara a pessoa de seu Senhor. E a maneira real e prática, em que a reconciliação é realizada, é: Não lhes imputando os seus pecados. Perante a face de Deus as pessoas são constantemente culpadas de transgressões, sendo que suas transgressões deviam ser registradas no lado do débito do livro da contabilidade de Deus. Mas Deus não imputa mais às pessoas as suas transgressões. Ele os lança, não sob seus próprios nomes, mas sob o nome de Cristo, e, porque a expiação é total, a dívida é riscada. Por isso Deus colocou a palavra da reconciliação nas mãos dos apóstolos e de todos os ministros do evangelho. Confiou-lhes a mensagem da reconciliação, a palavra pela qual ele deseja chamar todas as pessoas ao relacionamento correto com Ele.

Por isso Paulo, tomado pela glória destes fatos divinos, emite seu sonoro convite: Somos, pois, no interesse de Cristo embaixadores, como se Deus estivesse implorando por meio de nós. Eles são

---

<sup>19</sup>) Lutero. 20. 935.

representantes de Cristo, trazendo a palavra, ou seja, a oferta da reconciliação às pessoas, que é a súplica sincera de Deus para que seja aceita Sua misericórdia e graça em Cristo Jesus: No interesse de Cristo pedimos a vós: Sede reconciliados com Deus! Que situação estranha: O santo e justo Deus, que, em incontáveis vezes, foi insultado pelos inúmeros pecados das pessoas de todos os tempos, roga por reconciliação. O Deus todo-poderoso e zeloso, que é capaz de punir cada pecado com a condenação ao inferno, oferece, em lugar disso, a totalidade de Seu amor e a vida e ventura eternas! Com certeza este é um mistério do evangelho que ultrapassa toda e qualquer compreensão. Esta é uma mensagem que devia impressionar o pecador mais obstinado com a inexprimível glória do amor de Deus.

E para que ninguém, em tais condições, tivesse quaisquer dúvidas quanto ao fato da reconciliação, quando à possibilidade de total e plena expiação, o apóstolo explica o milagre em uma frase: Aquele que não conheceu pecado Ele o fez pecado por nós, para que nós nos tornássemos Nele justiça de Deus. Foi assim que foi realizado o milagre da expiação. O próprio Deus enviou Seu Filho pessoal, que foi completamente sem pecado e santo, a cuja natureza era completamente estranho toda e qualquer contradição e oposição à vontade de Deus, que também à vista de Deus era puro e santo, e lançou sobre Ele a iniquidade do mundo inteiro, Is. 53. 6, ou seja, fê-lo pecado por nós. As transgressões foram lançadas sobre Ele, a culpa Lhe foi imputada; Ele foi o representante do pecado de todo o mundo, o maior malfetor que já viveu na terra, mas tudo em virtude de Sua obra vicária. E a expiação foi tão perfeita, tão completa a propiciação, que nós, em torno, nos tornamos Nele a justiça de Deus. Por causa de Cristo nós agora somos vistos como os que são santos e perfeitos como é o próprio Filho de Deus, sem uma só falta ou defeito que nos possa condenar, sem uma só transgressão lançada contra nós. Em breve, este é o maravilhoso resumo da mensagem da reconciliação, este é o evangelho que os ministros do Senhor devem proclamar em toda a sua beleza e glória, este é o convite que devem estender a todas as pessoas sem a mais leve restrição. E nós, por outro, devíamos aceitar a gloriosa notícia no espírito em que foi oferecida, e da nossa parte estar certos, a não viver

daqui para frente para nós mesmos, mas para Aquele que por nós morreu e novamente ressuscitou.

**Resumo:** Paulo expressa o desejo de seu coração saudoso pela glória futura, afirma como o motivo primeiro de sua obra o amor de Cristo que experimentou, e proclama seu convite sincero para aceitar a mensagem da reconciliação.

## Capítulo 6

O

Ministério De Paulo Em Meio Às Dificuldades. 2.Co. 6. 1-10.

Cooperadores de Deus: *V. 1) E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebeis em vão a graça de Deus 2) porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação.* Paulo recém dera uma descrição resumida do ministério da reconciliação que lhe fora confiada, e expressara um sonoro convite para aceitar a graça de Deus. Agora ele faz a aplicação numa admoestação de santificação: Nós, pois, trabalhando com Ele, também vos rogamos a não receberdes em vão a graça de Deus. Paulo e todos os ministros do Evangelho, quando executam o ministério evangélico, quando proferem o convite urgente do Senhor para aceitar a reconciliação já efetuada, são os assistentes de Deus, trabalhando com Ele pela salvação das almas das pessoas. “Por isso Deus é o verdadeiro Senhor que está dentro do coração, que realiza a melhor obra; e a Ele nós ajudamos e servimos, externamente com o ministério da pregação, para este fim.”<sup>20)</sup> Por isso é necessário que se acrescente admoestação à exposição do

---

<sup>20)</sup> Lutero, 12. 436.

evangelho, tal como o faz o apóstolo aqui, rogando aos coríntios, apelando-lhes a não ouvirem sem proveito a mensagem da graça de Deus. “Aceitar em vão a graça de Deus não pode ser outra coisa do que ouvir a pura palavra de Deus, em que a graça de Deus é oferecida, e ainda assim permanecer apático e não aceitá-la, permanecendo do mesmo jeito como se foi antes.”<sup>21)</sup> A graça de Deus é oferecida, independentemente da fé e obediência da pessoa, mas se não é aceita pelos ouvintes, resultará, em vez de em seu proveito, em sua eterna condenação, cap. 2. 16a. Quando uma pessoa finge interesse no perdão dos pecados, mas de fato não se quer arrepende de seus pecados; quando tem o costume de se reportar ao Redentor, mas pessoalmente confia em seus próprios méritos; quando é um membro duma congregação e usa os meios da graça, mas incidentalmente leva uma vida pela qual a misericórdia de Deus é infamada, então ela pertence à classe daqueles aos quais atinge a advertência do apóstolo.

Para dar o peso correto à sua admoestação evangélica, Paulo a suporta com uma passagem do Antigo Testamento: Num tempo combinado eu te ouvi, e num dia de salvação eu te socorri, Is. 49. 8. Esta palavra do profeta se estava cumprindo diante dos olhos dos coríntios, tal como acontece hoje, pois ele fala do tempo do Novo Testamento como sendo o tempo da dispensação da graça. Aquilo que Deus prometera ao Seu grande Servo, o Messias, isto está sendo dado por graça a todos aqueles que aceitam a Cristo pela verdadeira fé. Vede, agora é o tempo aceitável; vede, agora é o dia da salvação; esta é a explicação e o comentário de Paulo. Desde que Cristo foi manifesto na carne, veio o tempo propício, o tempo de Seu bom agrado, o tempo de Sua boa vontade para com as pessoas, em que Ele deseja revelar Sua misericórdia, poder e glória. A presente dispensação cristã é o dia da salvação, em que Deus liberalmente concede Seu gracioso socorro a todos os pecadores que desejam ouvir Seu chamado. A palavra “eis” (vede) enfatiza o propósito que o tempo presente é aquele em que Deus aceita deste modo, ou seja, em que Ele dispensa assim Sua graça e misericórdia. Agora as pessoas têm acesso livre à redenção de Cristo, Hb. 4. 16; Rm. 5. 2. Agora, hoje, devem fazer sua decisão e participar de Sua generosidade, aceitar a mão da reconciliação que lhes está estendida. Marquemos: Quando é negligenciado o tempo da graça, quando seu convite é ignorado, então pode logo ter passado para sempre, sendo seguido pelo tempo da ira e da condenação. “Agora que Deus nos concedeu Sua misericórdia em medida tão rica,... é verdadeiramente preciso que não desprezemos a graça de Deus e O deixemos bater em vão. Ele está à porta; exatamente para nós se Lhe abrimos. Nos saúda; abençoa a quem responde. Se desprezamos Seu passar, quem o trará de volta?”<sup>22)</sup>

O exemplo de Paulo quando em meio a dificuldades: “V. 3) Não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado. 4) Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, 5) nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, 6) na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, 7) na palavra da verdade, no poder de Deus; pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas; 8) por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama: como enganadores, e sendo verdadeiros; 9) como desconhecidos, e entretanto bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e contudo eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; 10) entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo. Aqui Paulo apresenta o seu próprio exemplo, em parte em defesa de sua própria conduta, em parte com a intenção de estimular a imitação. Ele se conduz de tal modo que não dá a ninguém qualquer ocasião de tropeço, visto que qualquer ato deliberado dessa espécie teria reagido sobre o evangelho. Realmente não pode impedir que os hipócritas e os pretensiosos tomassem ofensa na palavra da cruz e blasfemassem tanto o ofício como seus ministros, 1. Co. 4. 12, 13. Mas fez uso da mais incansável vigilância tanto na doutrina como na vida, para que não se encontrasse qualquer motivo para o censurar. Cuidou-se de modo muito escrupuloso, para que por sua causa ninguém tropeçasse e caísse.

---

<sup>21)</sup> Lutero, 12. 438.

<sup>22)</sup> Lutero, 22. 463 (não confere)

Agora o apóstolo fala em detalhes sobre as características distintivas do ofício apostólico: Recomendando-nos, contudo, como o fazem os servos de Deus. Atuara de modo tão criterioso em todas as coisas que pertenciam a este ofício e ao seu viver inteiro, que sua jactância em demonstrar seu valor não foi demasiada. Ele e seus colegas foram exemplos de tudo que era bom em seu ofício, como também em sua conduta diária. Como convém aos ministros de Deus, todo o viver deles foi um testemunho do ofício com o qual haviam sido incumbidos. Isto, antes de tudo, foi verdade no suportar de privações externas. Realizaram seu trabalho em muita paciência, em obstinada perseverança, em inabalável calma, visto que isto foi necessário para suportar e vencer as dificuldades peculiares que foram obrigados a arrostar. Trabalharam em aflições ocasionadas pelo ódio de seus inimigos; em angústias, e várias preocupações que sobrevêm aos perseguidos como seu quinhão; em apertos de perplexidades, das quais parecia que não houvesse escape, e que os deixaram perplexos sobre como deviam proceder. Os inimigos do evangelho também conseguiram que sua inimizade fosse sentida na pessoa de Paulo, por meio de açoites, quando foi batido, At. 22. 24; de aprisionamentos, At. 16. 24; de tumultos, quando o povo não esperou pela decisão das autoridades, mas amotinou a plebe numa demonstração contra a pessoa e a obra dos mestres cristãos, At. 15. 50; 14. 5, 19; 16. 22; 17. 5; 18. 12. Também foi inquietado em trabalhos árduos, seja na pregação do evangelho ou sustentando-se enquanto isso, cansando seu corpo e esgotando suas forças, 1. Co. 15. 10; At. 20. 26; em vigílias, sendo-lhe creditadas muitas noites não-dormidas, visto estar trabalhando dia e noite, At. 20. 7, 31, em benefício das almas que lhe haviam sido confiadas; em jejuns, que voluntariamente realizou, em parte como um excelente exercício exterior, At. 14. 23, em parte para conservar seu corpo em submissão, 1.Co. 9. 27, e em parte também para fortalecer seu corpo para suportar dificuldades, cap. 11. 27. Que exemplo para todos os ministros de todos os tempos! E quão severamente repreende este relato a superficialidade e superficialidade de muitos cristãos modernos!

Depois disso o apóstolo mostra seu comportamento como um ministro sincero de Cristo em dons e qualidades internos: Em integridade de mente e vida, na pureza moral que se purifica de toda e qualquer contaminação da carne e do espírito; em conhecimento, que essencialmente é a correta compreensão da boa, aceitável e perfeita vontade de Deus, ou seja, a capacidade de à base da luz da Palavra de Deus formar o juízo correto em relação às várias condições e circunstâncias das pessoas; em longanimidade, que num missionário é um atributo de especial valor, visto que o capacita a suportar as fraquezas daqueles que são carentes em conhecimento como também conter sua justa indignação quanto a insultos; em bondade, conforme a qual o apóstolo mostrou sua benigna mansidão na busca e promoção do bem-estar de seu próximo, fosse ele amigo ou inimigo. Todas estas qualidades não são capacidades naturais do apóstolo, mas são dons do Espírito Santo, que também opera o amor sem fingimento, amor verdadeiro e genuíno, que nada sabe de hipocrisia e dissimulação, 1. Co. 13; Cl. 3. 12. E como possuidor destes dons e destas qualidades, Paulo realizou sua obra na Palavra da verdade, em sua atividade como um mensageiro do Senhor, pois pregou tão somente a doutrina pura, não adulterada e divina, cap. 4. 2; no poder de Deus que o capacita a realizar o trabalho de seu ministério, que o move a levar cativos sua própria razão e capacidade sob a obediência de Cristo, cap. 10. 5; Rm. 1. 16.

Outro aspecto do trabalho do apóstolo foi que ele se recomendava como um ministro de Deus pelas armas da justiça à direita e à esquerda, conduzindo a luta armada do Senhor não com instrumentos carnis, mas com aqueles meios que são apropriados para a justiça da causa do Senhor, empregando-os tanto como ataque como defesa. Foi destemido ao proceder assim, não importando se o caminho de seu ministério conduzisse por meio de honra ou desonra, através de notícias boas ou más. Ele, exposto como esteve a línguas caluniosas e maldizentes, o aceitava no espírito que caracterizou ao seu Senhor, como uma testemunha do fato que estava realizando sua tarefa como um servo de Deus e não de homens, Gl. 1. 10; Jo. 15. 18.

Foi assim que Paulo mostrou seu caráter como sendo diametralmente contrário àquele que seus inimigos lhe atribuíam. Foi difamado como sendo um enganador, exatamente como seu Mestre antes dele, Jo. 7. 12, como quem tentava defraudar o povo por meio de doutrinas falsas, pelo ensino de novos deuses, At. 17. 18. Mas, apesar disso, era ele verdadeiro, tanto aos olhos de Deus como

àquelas pessoas que foram conquistadas pela Palavra da Verdade. Era ignorado, mal-julgado, mal-entendido, representado como uma pessoa obscura sem as credenciais corretas, como o mestre duma seita que era mal-falada em todos os lugares, At. 28. 22; 24. 14. Mas, ainda assim, era bem conhecido ante Aquele que inscrevera seu nome no céu, Lc. 12. 20, bem como àqueles que haviam sentido o poder do evangelho em seus corações, Gl. 4. 15. Estava morrendo, de todos os lados rodeado por inimigos que buscavam sua vida, e muitas vezes pode ter sido noticiado como um morto, sendo que ele próprio não poucas vezes já havia perdido toda esperança de vida, At. 27. 21; 2.Co. 1. 8. Mas, ainda assim, eis, por um milagre de Deus, estava vivo, até este momento triunfara sobre a morte. Realizara seu trabalho como um castigado, atingido em seu corpo com as conseqüências do pecado, como seus adversários tinham a segurança de zombar dele, 2. Co. 12. 7, mas o castigar do Senhor não o matou, Sl. 118. 18, sendo que isto só teve a intenção de purificá-lo no viver e no trabalho, de torná-lo mais valioso para o ministério que lhe fora confiado. Realmente esteve cheio de tristezas, pois as pessoas inimigas, às más notícias, as angústias e perplexidades, os castigos do Senhor lhe causaram tristeza segundo a carne. Mas, ainda assim, sempre se regozijava, pois todas as preocupações desta vida atual não puderam privá-lo de sua alegria no Senhor e de sua bendita esperança da salvação, Fp. 4. 4. Foi pobre em bens deste mundo, um indigente quanto ao dinheiro para esta vida, mas tornou rico a muitos nos tesouros do céu, para além dos sonhos da avareza mas em bens espirituais. Sim, ele foi um daqueles que nada possuem que valha aos olhos deste mundo, nem riqueza e nem posição social, mas ele possuía todas as coisas, 1. Co. 3. 22, possuindo as riquezas da graça de Deus em Cristo Jesus como um tesouro que pessoa alguma lhe podia tirar. Nota: O que Paulo aqui diz de si mesmo e de seus colegas de ministério é verdade de todos os mensageiros do evangelho de todos os tempos, e, de certo modo, de todos os verdadeiros cristãos. Cabe-lhe, por isso, passar pelos perigos e as perseguições, pelas provações e angústias do mundo, tendo os olhos fixos na glória celeste que em Jesus Cristo, seu Redentor, lhes está prometida como recompensa graciosa.<sup>23)</sup> Vale a pena observar também nesta secção como o entusiasmo do apóstolo o impele numa onda de eloqüência: “Quando o coração de Paulo esteve tomado pelas chamas da paixão, como em Segundo Coríntios, ele empilhou participios como se fossem pedras imensas na ladeira duma montanha, semelhantes a uma erupção vulcânica.... Mas por entre estes participios há sempre um trilho. Paulo não se deixou pegar numa rede de meras sutilezas gramaticais. Quando preciso, quebrou a regra e foi avante. Moulton, contudo, está correto quando diz que tudo isto é ‘mais um caso de estilo do que de gramática.’ É retórica.”<sup>24)</sup>

Admoestação Para Fugir Da Comunhão Dos Descrentes. 2.Co. 6. 11-18.

*V. 11) Para vós outros, ó coríntios, abrem-se os nossos lábios, e alarga-se o nosso coração. 12) Não tendes limites em nós; mas estais limitados em vossos próprios afetos. 13) Ora, como justa retribuição (falo-vos como a filhos), dilatai-vos também vós. 14) Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto, que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? ou que comunhão da luz com as trevas? 15) Que harmonia entre Cristo e o Maligno? ou que união do crente com o incrédulo? 16) Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. 17) Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, 18) serei o vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso.* O entusiasmo do inspirado escritor o impeliu a uma maravilhosa altura de eloqüência, quando descreve a verdadeira fidelidade no ministério do evangelho. Antes de fazer a aplicação do apelo do v. 1 às várias relações da vida, o apóstolo, por isso, deixa fluir aqui algo do sentimento afetoso que não lhes pode ocultar: O coríntios, nossa boca está aberta para vós; nosso coração está alargado. Ele se sente constrangido para falar-lhes

<sup>23)</sup> Cf. *Hom. Mag.*, 1896, 32-42.

<sup>24)</sup> Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament*, 1136.

abertamente e sem reserva. Pois é seu amor que o leva a falar tanta sinceridade e franqueza, que não lhe permite ficar calado, mas o impele a mostrar-lhes tamanha confiança. Um pensamento semelhante está contido no pensamento da expansão de seu coração por eles, pois a expressão aponta para o aumento de sua compaixão para com eles. Paulo, falando-lhes de modo tão franco, realmente esteve consciente da profundidade e tamanho de seu afeto por eles.

Sendo

assim, segue o próximo pensamento: Em nós vós não estais limitados, mas estais limitados em vossos próprios afetos; em nós não tendes pequeno espaço, mas tendes em vós pouco espaço por nós. O coração do apóstolo esteve alargado em amor por eles, ampliou-se em solidariedade e amor por eles e envolveu a todos eles, eles, porém, por sua vez, não sentiam um amor e solidariedade iguais pelo apóstolo. Ele não foi um homem de solidariedade mesquinha, como seus oponentes podem ter sugerido, mas a falta de solidariedade só esteve no lado deles. Ele, apesar disso, tinha direito de esperá-lo: Mas, como uma retribuição, uma compensação, igual (falo-vos como a meus filhos) sede também vós alargados. Porque os filhos são obrigados a retribuir com amor o amor dos pais, porque deviam sentir-se obrigados a retribuir com o mesmo volume de amor que receberam, por isso pede-lhes que estejam alargados no coração, de mostrar uma solidariedade mais afetuosa para com ele. Foi isto que ele esperou.

Agora o apóstolo expressa numa passagem repleta de brilho, que sua admoestação só de dirigia sobre si mesmo e seu trabalho e não se aplicava à indevida tolerância que permitia o culto a deuses falsos: Não estejais unidos de modo absurdo com os incrédulos. Não deviam andar atrelados com os incrédulos, o que seria um andar atrelado desigual. O apóstolo tem em mente no que provia a lei cerimonial judaica, conforme a qual era proibido o atrelar junto de animais limpos e impuros, Dt. 22. 10. Caso os cristãos, os membros da comunidade cristã, se unissem de qualquer jeito com os gentios no culto idólatra destes, caso se associassem com eles de maneira que fosse apagada a essencial diferença que há entre o cristão e o gentio, então esta união seria absurda e perversa, com o que estava unido o perigo da negação, e por isso não devia ser praticada pelos cristãos.

O apóstolo reforça seu pensamento ilustrando a incongruência entre cristandade e paganismo com cinco contrastes. Pergunta: Pois que comunhão, que relacionamento, existe entre justiça e a ilegalidade? O que têm elas em comum? Dum lado, há a ativa disposição de viver conforme a vontade de Deus; doutro lado, não há conhecimento da vontade divina e santificadora, e por isso nada mais do que injustiça. Por isso, está claro, que não pode haver qualquer participação entre os dois; eles são opostos. Ou que comunhão tem a luz com as trevas? Dum lado há luz e salvação com Deus; doutro há trevas e destruição com Satanás. Os dois nunca se podem unir sem destruir sua substância.

A terceira pergunta, que contrasta o Filho de Deus com o adversário Dele e de toda a humanidade: E qual é o acordo de Cristo com Belial? Como pode haver uma concordância entre Cristo, que é o herói do que é correto e bom, que é intentado para a salvação do homem, e o maior dos adversários de Cristo? A personificação da justiça e da perfeição em oposição à personificação da injustiça e da ilegalidade – este abismo nunca poder ser transposto. As duas últimas perguntas dizem respeito ao contraste entre aqueles que estão salvos e aqueles que estão perdidos: Ou que porção tem o que crê com o que não crê? Mas que concordância há entre o templo de Deus com os ídolos? O cristão, aquele que tem fé em Cristo, não poder ter qualquer parte com aqueles que são gentios, com aqueles que não têm fé. Seu caráter, suas posses, seus interesses, diferem totalmente e completamente, assim que não pode ser imaginada uma combinação das duas partes opostas. E igualmente absurda a idéia que o templo de Deus pudesse ter qualquer coisa em comum com os ídolos. Antes se poderia pensar em pretender instalar ídolos no santuário de Deus do que ver aqueles que foram consagrados ao Senhor juntar-se com os gentios em qualquer parte de seu culto falso.

O apóstolo, com o propósito de enfatizar toda esta passagem, explica sua última comparação: Pois nós somos o templo dum Deus que vive. Qualquer concordância com o culto de ídolos mortos e sem poder, sem importar a forma disso, está por isso fora de cogitação. E Paulo prova que está correto, quando representa o corpo dos verdadeiros cristãos como um templo de Deus, com uma

passagem do Antigo Testamento, que ele cita numa tradução livre: Eu habitarei neles e andarei neles, e serei o seu Deus, e eles serão Meu povo, Lv. 26. 11, 12. Os que crêem são uma habitação de Deus por meio do Espírito, Ef. 2. 22. O próprio Deus, o Deus trino, fez morada neles, Jo. 14. 23. Cf. Ez. 37. 26-28; Os. 2. 23; Jr. 24. 7. Na Palavra e nos Sacramentos Deus vive em meio da congregação. Sua Palavra é neles eficiente por meio do ministério da Palavra, operando a fé e uma vida santificada. Os cristãos não têm qualquer pensamento, qualquer interesse, por qualquer outro deus, se não tão somente por Aqueles um que neles habita, e Aquele que os criou como Seu povo se agrada a continuar sendo seu Deus.

Desta relação, contudo, segue o que Paulo acrescenta na forma dum mandamento peremptório do Senhor: Por esse motivo, saí do meio deles e separai-vos, diz o Senhor, e não toqueis algo impuro. Como diz Lutero, aqui Paulo funde muitos versículos em um monte, e dele vasa um texto que dá o significado de todas as Escrituras. O pensamento é o de Is. 52. 11, 12, onde a libertação dos israelitas da Babilônia é descrita como uma redenção. O simples tocar numa coisa impura tornará o cristão um participante de impureza estranha e um negador do Senhor. “A admoestação aqui expressa é que, de maneira muito decidida, deviam sair de todo o ambiente de vida pagã e mundana, separar-se de seu próximo gentio, deviam evitar todas as práticas gentias que pudessem macular a pessoas que foram consagradas a Deus, e em especial abster-se de quaisquer festivais idólatras.”<sup>25)</sup>

Finalmente é dado o efeito desta atitude descomprometida por parte dos cristãos, também numa combinação de passagens da Escritura do Antigo Testamento: E eu vos receberei, vos serei como um Pai, e vós me sereis filhos e filhas, diz o Senhor onipotente. Cf. Ex. 4. 22; Jr. 31. 9; Os. 1. 10; Is. 43. 6. A promessa de Deus, contida em todas as partes de Sua santa Palavra, não conste que Sua graça tornará os cristãos uma assembléia dedicada a Ele, mas Ele promete-lhes a posição de filhos e filhas, juntamente com a herança do céu, Gl. 4. 4, 5. E não pode haver qualquer dúvida quanto à Sua capacidade de pôr em prática Sua promessa de juntar-nos à Sua família e dando-nos todas as bênçãos de verdadeiros filhos, porque Ele é o Senhor, o onipotente governador de todas as coisas, 2. Sm. 7. 8. Nota: A maneira em que o apóstolo cita o Antigo Testamento está totalmente alinhado com seu próprio caráter inspirado. “Os versículos conclusivos desta capítulo são uma instrutiva ilustração do modo em que os escritores do Novo Testamento citam o Antigo. 1) Muitas vezes citam uma tradução que não adere estritamente ao original. 2) Muitas vezes citam conforme o sentido, e não conforme a letra. 3) Muitas vezes mesclam diferentes passagens da Escritura, para que seja expresso, não o texto de alguma passagem, mas o sentido combinado de várias. 4) Certas vezes dão o sentido, não de qualquer passagem ou passagens particulares, mas, por assim dizer, o sentido geral da Escritura. Por exemplo, não existe qualquer passagem no Antigo Testamento, como a contida neste último versículo, mas o conceito é expresso muitas vezes e claramente. 5) Nunca citam como tendo autoridade se não somente os livros canônicos do Antigo Testamento.” (Hodge) Marquemos também: A linguagem de Paulo em todo este trecho é nobre e, ao mesmo tempo, mostra seu domínio tão claro da língua grega, que, com justiça, é considerado um mais belos em todas as suas cartas. E finalmente: Esta passagem se aplica corretamente no caso de união falsa com igrejas sectárias. Pois, porque e até onde qualquer corpo eclesiástico tem em seu meio coisa impura, na forma de qualquer doutrina falsa ou prática antiescriturística, é por isso e nisso contaminada e pode vir a ser contagiante. Se até isto é uma contaminação aos fiéis, quando se unem com os incrédulos em assuntos que promovem as idéias idólatras dos últimos, muito mais deve ser condenado o unionismo dos dias de hoje, o qual ignora as diferenças de credo e prática, usando a alegação suspeita que a igreja precisa ser um poder no mundo. Tão somente com a conservação tanto da doutrina como na vida na pureza mais elevada e absoluta, a igreja será capaz de preencher sua missão de ser um sal no mundo. Mas se o sal perdeu seu sabor, com que se haverá de salgar? Mc. 9. 50.

---

<sup>25)</sup> Lange-Schaff, 2. *Corinthians*, 110.

**Resumo:** Paulo mostra que ele e seus companheiros não se livram de seu ofício em meio de todas as dificuldades que os acometem; apela aos cristãos para que evitem qualquer comunhão com os incrédulos em suas práticas.

## Capítulo 7

Q

Consolo E A Alegria De Paulo Por Causa Dos Coríntios. 2. Co. 7. 1-16.

Um apelo franco e urgente por santificação: *V.1) Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santificação no temor de Deus. 2) Acolhei-nos em vosso coração: a ninguém tratamos com injustiça, a ninguém corrompemos, a ninguém exploramos. 3) Não falo para vós condenar; porque já vos tenho dito que estais em nossos corações para juntos morrermos e vivermos. 4) Muito grande é a minha franqueza para convosco, e muito me glorio por vossa causa; sinto-me grandemente confortado e transbordante de júbilo em toda a nossa tribulação.* O primeiro versículo completa o apelo do capítulo 6, que é, não receber em vão a graça de Deus. E para tornar seu pedido muito impressionante e atraente, o apóstolo se inclui na admoestação: Amados, visto que agora temos estas promessas, purifiquemo-nos de qualquer poluição da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus. Gloriosas e sublimes foram as promessas de que o apóstolo os lembrara, em especial o fato que eram o templo do Deus vivo. Todavia, um tal privilégio, como foi natural, impôs-lhes obrigações, como também sobre todos os cristãos, a saber, as de remover toda e qualquer poluição, qualquer contaminação, do modo como ela se origina de todas as associações mas, com descrentes e gentios de todas os tipos. Uma comunhão como esta polui a perfeita pureza da comunhão pessoal do cristão com Deus. Ela não só macula do espírito, mas também o corpo. Ela é incompatível com a correta recepção da graça de Deus, tal como o evangelho a oferece. Cada cristão antes precisa sentir a necessidade de crescer, dia a dia, no correto temor e na correta reverência a Deus, tornando-se, deste modo, mais perfeito na santidade. Este devia ser o estado de espírito, ou a disposição, de todos os cristãos, que tenham o propósito de andar ante de Deus e ser perfeitos, Gn. 17. 1. A consagração a Deus, que começou no batismo pela fé, precisa ser atualizada, desenvolvida, e aperfeiçoada durante a vida toda, e isto sempre com o sentido da proximidade, da presença, de Deus, a quem nada está oculto.

Agora Paulo, tendo em mente este pensamento de desafiar a imitação deles, repete seu apelo do cap. 6. 13: Recebei-nos, isto é, fazei espaço para nós em vossos corações; fazei que a antiga desagradável estreiteza em simpatia seja algo do passado. Ele está desejoso para possuir o amor deles, está preocupado com o fato que se magoaram com sua carta, tem o desejo para estar novamente certo do afeto deles. Por isso lhes assegura: A ninguém fizemos algo errado, a ninguém corrompemos, de ninguém buscamos alguma vantagem. Aqui temos o motivo do seu apelo para ser aceito por eles em seus corações. Todas as acusações contra sua conduta moral não tiveram fundamento. Pois, a ninguém fizera qualquer injustiça, em seu trato com eles não violara os direitos de ninguém por meio dum desnecessário rigor de disciplina. A ninguém seduzira por meio duma doutrina falsa, sendo que ele não fora um enganador. Em todo seu trato com eles não tentara tirar proveito deles, também não quando os lembrou do dever de proverem por seus mestres, e nem quando lhes recomendou um método sistemático para coletar pelos pobres de Jerusalém.

Mas para que os cristãos de Corinto não sentissem nesta defesa do apóstolo sua falta em não tê-lo defendido contra os ataques de seus difamadores, ele se apressa para acrescentar: Não digo isto com o objetivo de vos condenar, pois, anteriormente, afirmi que estais em nossos corações para juntos morrermos e para juntos vivermos. Não deviam interpretar suas palavras como uma sentença de condenação, visto que não os acusava de desconfiarem dele. Ao contrário, permanecia como verdadeiro o que lhes assegurara antes, cap. 1. 6; 6. 11, que, exatamente como se sentia certo do afeto deles para com ele, seu coração estava alargado em solidariedade amável por eles. Em seu

coração estava a imagem deles, estando inseparavelmente unidos a ele em amor, a ponto de não estarem ausentes de seu coração fosse na morte ou na vida. E o termo grego que ele emprega supõe que este sentimento foi mútuo, que sua devoção pelo bem-estar deles foi correspondido pelo amor deles por ele. Este fato faz com que ele continue com toda alegria: Grande é minha franqueza para convosco, grande é o meu gloriar-me por causa de vós. A certeza da solidariedade amável deles lhe dá a confiança de confessar-se de modo tão franco a eles, de envaidecer-se tão confiantemente por causa deles, e isto, não só nesta carta, mas na ocasião de suas visitas a outras congregações. A exultação de seu coração sobre o progresso espiritual deles foi tamanho que exclamou: Estou tomado de conforto, sim, mais do que isto, estou inundado de alegria em todas as minhas aflições. Para o ministro fiel sempre há infortúnio, desgraça e tristeza, seja por causa da perseguição do mundo como por motivo da apostasia e da oposição dentro das congregações. Mas tudo isto é encoberto pelo consolo que vem do sucesso do evangelho, como aquele efeito do qual o coração do apóstolo se enche de alegria a ponto de transbordar. Esta não já não pode conter em silêncio seu sentimento, mas precisa irromper em feliz exultação. A experiência de todos os pastores que são inabalavelmente fiéis no desempenho de suas obrigações, é consolo e alegria que encobre a aflição e a tristeza.

O consolo de Paulo porque aceitaram sua repreensão: *V. 5) Porque chegando nós a Macedônia, nenhum alívio tivemos; pelo contrário em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro. 6) Porém, Deus que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito; 7) e não somente com a sua chegada, mas também pelo conforto que recebeu de vós, referindo-nos a vossa saudade, o vosso pranto, o vosso zelo por mim, aumentando assim meu regozijo. 8) Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido, vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo.* Aqui Paulo desenvolve o pensamento do v. 4, a respeito de ele estar tomado conforto. Trocara Éfeso por Macedônia numa disposição que foi tudo menos felicidade, e sua ansiedade aumentou quando não encontrou a Tito em Trôade, cap. 2. 12. Por isso, apesar de ter cruzado para Macedônia, sua carne, seu corpo pobre, fraco e esgotado, junto com a alma fraca e ansiosa, não sentira qualquer descanso no esforço feito. Sua inquietação espiritual aumentou com a impaciência de sua carne: por fora combates, por dentro temores. Estava preocupado de todos os modos e de todos os lados. Parecia que todas as circunstâncias se uniram contra ele, para lhes tornar miserável o viver. Do lado de fora havia lutas, que eram a oposição dos gentios, dos judeus, e dos falsos irmãos. Em sua própria mente e coração havia temores, ansiedade por causa do efeito de sua carta, “temores sobre se a severidade dela não tivesse dele totalmente o afeto deles, temores sobre se o grupo da pessoa incestuosa não tivesse prevalecido, temores sobre se o ensino dos falsos apóstolos não tivesse afastado as mentes deles da simplicidade da verdade. Tudo era incerteza, tudo apreensão. E o Espírito de Deus não pensa que é correto remover as causas destas apreensões por meio de algum meio extraordinário.”<sup>26)</sup>

Por fim, contudo, veio alívio: Mas Aquele que conforta o abatido, nos confortou, isto é, Deus, com a vinda de Tito. Deus não permitira que Seu servo fosse tentado acima de sua capacidade, 1.Co. 10. 13, mas permitira que Tito chegassem em tempo, para minorar os temores do apóstolo, que foi um fato pelo qual ele foi muito grato ao Senhor, do qual ele afirma que torna Sua a missão de confortar aqueles que necessitam de consolação, que estão humilhados e abatidos, Sl. 148. 6 (não confere, mas pode ser Sl. 147. 6). O próprio fato da chegada de Tito deu a Paulo o alívio que precisava e pela qual ansiava. O próprio encontro foi uma ocasião dessas que as pessoas experimentam poucas vezes ao longo da vida. Mas o apóstolo não só foi consolado pela chegada de Tito, mas também pelas notícias consoladoras que trouxe: Pelo conforto com que foi confortado a vosso respeito. A conduta da congregação de Corinto fora uma fonte de satisfação consoladora a Tito, o que ele prontamente transmitiu ao seu paterno amigo: Quando ele nos contou de vosso anseio, vossa aflição, vosso zelo a meu respeito, para que eu me regozijasse tanto mais. A carta do apóstolo tivera o efeito desejado: os cristãos de Corinto imediatamente haviam sido encheidos com o sincero desejo de ver o apóstolo e para corrigir o mau estado de coisas em seu meio. Por sua repreensão à

---

<sup>26)</sup> Clarke, *Commentary*, 6. 345.

sua frouxidão haviam sido impelidos a lamentar e prantear. Havia sido encheidos de novo zelo por sua pessoa e sua autoridade, tendo a energia de reparar a injúria que lhe haviam causado, e, desta forma, depois de toda tristeza que lhe haviam causado, deram-lhe alegria. Foi assim que sua alegria com a chegada de Tito aumentou tanto mais.

Agora o apóstolo explica o sentimento que tivera quando escreveu isto: Pois, mesmo que vos causei tristeza com minha carta, não me arrependo disso; e mesmo que me tivesse arrependido ( pois percebo que essa carta vos entristeceu, ainda que por pouco tempo). Ele soube que sua carta os entristecera, e houve ocasião em que se sentira inclinado a lamentar sua aparente dureza. Mas sobre o caso todo, não se arrependera, em parte, porque a tristeza deles só fora temporária, ou seja, até que sentiram o amor que motivara sua severidade, e em parte, porque seu objetivo fora alcançado. Agira qual hábil cirurgião, que lamenta a necessidade de precisar recorrer a uma difícil operação e que, antes, gostaria de poupar o paciente da dor ligada com isto, mas que sabe que o objetivo que deseja não pode ser alcançado de outra maneira.

O regozijo de Paulo sobre o resultado de suas medidas: *V. 9) Agora me alegre, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis. 10) Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte. 11) Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que segundo Deus fostes contristados! que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto. 12) Portanto, embora vos tenha escrito, não foi por causa do que fez o mal, nem por causa do que sofreu o agravo, mas para que a vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós, diante de Deus.* Aqui o apóstolo desenvolve seu segundo pensamento de modo mais amplo, a saber que estava excessivamente feliz apesar de toda tribulação, v. 4. Livrara-se do desconforto que sentira por causa de sua ternura por eles, e francamente afirmou que já se regozijava, não por causa do fato que eles haviam sido contristados, visto que o caso requereu estas medidas severas, mas por causa do fato que a tristeza deles os ter levado ao arrependimento. Na época em que Paulo escreveu sua carta, da parte deles não havia qualquer sinal de mudança de coração, e o perigo foi que se podiam ter tornados obstinados. Mas agora, tendo eles aceito a repreensão e se arrependido, vê cumprido seu desejo, alcançado seu alvo, e por isso pode dizer: Pois fostes contristados conforme Deus, na maneira em que Deus deseja vê-lo no pecador e conforme Ele próprio o opera, assim que de nós não sofreis em nada dano. Longe de sofrerem prejuízo, os cristãos de Corinto, ao contrário, tiveram motivo para se congratular por causa do benefício que lhes proveio como resultado das medidas do apóstolo. Neste caso, tristeza e mágoa é, quanto a si mesmo, uma bênção, e o processo inteiro é salutar. Marquemos que é Deus quem opera o arrependimento, e que Seu alvo é a conversão e, por isso, também a salvação do pecador.

Este pensamento está expresso no versículo seguinte, onde está assinalado um motivo para esta afirmação: Pois a tristeza que é conforme Deus, que é operada por Deus, que sente mágoa por causa do pecado como uma ofensa contra Deus, resulta num arrependimento para a salvação da qual não é preciso arrepender-se. Verdadeiro arrependimento não ocorre por causa do temor do castigo, mas essencialmente é um sentimento de tormento e tristeza por causa do insulto causado a Deus por meio da transgressão. Um arrependimento assim coloca o pecador no caminho da salvação, visto que um tal pecador estará pronto para receber a mensagem da redenção. Este arrependimento adequado não traz remorsos. A tristeza do mundo, ao contrário, descreve aos olhos do pecador horrorizado as terríveis conseqüências de sua transgressão com castigos temporais e eternos. Quando este sentimento sobrevém ao pecador, então à sua frente não há nada se não a negritude da morte e da perdição: é levado ao desespero, como vemos no caso de Caim, e melhor ainda no de Judas. “E para não acontecer que a contrição ou terror da lei se converta em desespero, deve adicionar-se a proclamação do evangelho, a fim de que possa ser ‘arrependimento para a salvação’”.<sup>27)</sup>

---

<sup>27)</sup> Livr. Conc. S.D., V. 599, 9.

Os próprios coríntios oferecem um exemplo valioso de tristeza segundo Deus: Eis, pois, do mesmo modo, o vosso estar triste foi conforme o tipo de Deus. O próprio caso deles foi uma excelente ilustração do ponto que o apóstolo tentou expor: Que cuidado operou em vós! quão rapidamente sua anterior inércia e indolência deram lugar à ação, em especial quanto ao caso de disciplina então à mão! E não só isso, mas também que defesa! como se apressaram para se livrar da falta encontrada em seu meio, para se justificar ante Tito, e, por isso, ante o apóstolo! Que indignação! Quão irritados ficaram consigo mesmos por terem ignorado e tolerado este caso por tanto tempo em seu meio! Que temor! Como temeram a vinda do apóstolo com uma vara, 1.Co. . 21! Que desejo ansioso! Como sentiram, logo que compreenderam sua situação, a necessidade dele e de seu conselho apostólico! Que zelo! Quão ciosos se tornaram na defesa de Deus e de Sua honra em sua congregação! Que desagravo, ou, que aplicação de castigo! Como se apressaram para reparar seu erro impondo ao ofensor o castigo que Paulo exigiu! Foi assim que os coríntios deram provas da santidade de sua tristeza. Foi assim que deram prova, demonstraram-se limpos do caso, livrando-se da culpa que tiveram no caso.

Mas, exatamente o fato que agiram tão prontamente quanto às sugestões dele, ou seja, que suas admoestações haviam produzido frutos tão abundantes em seu meio, também levaria os coríntios a reconhecer o objetivo amoroso do escritor: Conseqüentemente, ainda que vos escrevi, não o fiz por causa daquele que praticou o mal, nem por causa daquele que sofreu o mal, mas para que o vosso zelo por vós mesmos fosse manifesto a vós mesmos ante Deus. O pecado, ao qual Paulo se referira, fora realmente de maldade abominável, visto que o filho vivia com a madrasta num relacionamento que era permitido só no casamento, e isto, pelo que parecia, enquanto seu pai ainda vivia! Mas, ainda que Paulo também tivesse em mente a remoção do pecado desse e a reparação da injúria praticada ao outro, seu maior motivo em lhes escrever foi estimular a congregação de Corinto a compreender aquilo que deviam ao seu fundador que foi o apóstolo, e ao Senhor dela. Não se enganara em sua avaliação deles. A disciplina que aplicaram fortalecera o sentimento de comunhão entre eles e os ligara mais intimamente ao apóstolo. Haviam-se defendido tanto perante si mesmos como perante o apóstolo. Não fora alguma forma vã e vazia, ou uma mera pretensão, pois suas deliberações e resoluções haviam sido tomadas à vista ou na presença de Deus. Nota: Este último ponto devia ser recordado em todos os casos de disciplina eclesiástica.

A alegria de Tito sobre as boas novas que trouxe: *V. 13) Foi por isso que nos sentimos confortados. E acima desta nossa consolação, muito mais nos alegramos pelo contentamento de Tito, cujo espírito foi recreado por todos vós. 14) Porque, se nalguma coisa em gloriei de vós para com ele, não fiquei envergonhado; pelo contrário, como em tudo vos falamos com verdade, também a nossa exaltação na presença de Tito se verificou ser verdadeira. 15) E o seu entranhável afeto cresce mais e mais para convosco, lembrando-se da obediência de todos vós, de como o recebestes com temor e tremor. 16) Alegro-me porque em tudo posso confiar em vós.* As palavras iniciais do v. 13 são realmente a afirmação conclusiva da passagem anterior: Razão por que fomos confortados. No que dizia respeito ao apóstolo este foi o efeito de toda esta negociação. Mas, em acréscimo ao seu próprio conforto e consolo, teve ele ainda mais motivo de sentir grande alegria ante a alegria de Tito que foi o portador das boas notícias de Corinto. Sua nova alegria, que foi acrescentada ao seu prévio conforto, foi mais abundante do que o próprio conforto, porque o espírito de Tito fora revigorado por eles todos. O representante do apóstolo fora bem recebido por todos os membros da congregação de Corinto e fora tratado com o maior carinho e respeito. Não houve qualquer traço dum comportamento turrão e vaidoso, e com isto sua mente foi por inteiro acalmada quanto a eles.

Este fato agradou tanto mais ao apóstolo: Pois se em algo da vossa parte me orgulhei a ele, então não foi envergonhado. Como Paulo orgulhou em outras cidades sobre a excelência da congregação de Corinto, assim ele louvara seus atuais leitores também ante Tito. Por isso, caso este último não tivesse encontrado as coisas tão excelentes como seu mestre as havia retratado, então o louvor que Paulo lhes concedeu teria sido descoberto como vazia tolice, e mera vaidade. Agora, porém, está satisfeito: Assim como honestamente vos falamos todas as coisas, assim também nosso orgulho

ante Tito foi confirmado como verdadeiro. Quanto a isso Paulo foi muito sensível. Quando enviara Tito a Corinto, ele o encorajara por meio da descrição que forneceu sobre as boas qualidades dos cristãos de Corinto. Foi isto que o levou de agora se sentir tão feliz, visto que as coisas se apresentaram, mostraram que eram, conforme os fatos. Os coríntios haviam vivido conforme as expectativas de seu mestre.

A satisfação que Paulo sentiu se equiparou à satisfação que enchia o coração de Tito: E seu coração se inclina tanto mais para eles, visto que recorda a obediência de todos vós, como o recebestes com temor e tremor. Tito fora o portador duma mensagem áspera, visto que a carta de Paulo fora inflexível em sua severidade sobre o ponto do escândalo em seu meio. Eles, desta forma, o haviam recebido com reverência profunda e haviam demonstrado total obediência às sugestões que lhes apresentara, visto ser o representante do apóstolo. Todo problema desta forma fora concluído bem, e Paulo conclui: Exulto que em tudo tenho bom ânimo a vosso respeito. O encorajamento que assim recebera, por ter visto que sua confiança não fora depositada em pessoas indignas, deu-lhe uma feliz intrepidez ante eles. Não havia qualquer outra razão para temer que novamente fossem perturbados por problemas de semelhante natureza. Quando em qualquer congregação as coisas chegaram a um ponto em que a primeira crise séria está superada, as condições, via de regra, são favoráveis para um crescimento constante no conhecimento e na santificação cristãs.

**Resumo:** Paulo admoesta os coríntios para progredirem na santificação; assegura-lhes que ele, bem como Tito, estiveram tomados de conforto e regozijo pelo arrependimento devoto deles e sua cordial obediência no caso de disciplina eclesiástica.